

JOHN DEKOWES

Só
os Anjos
Morrem
Cedo

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Só os Anjos Morrem Cedo
John Dekowes

Fonte digital: documento do Autor

© 2001 John Dekowes
johndekowes@yahoo.com

Só os Anjos Morrem Cedo

(Ficção Científica)

John Dekowes

(autor)

A.D 2001

PRÓLOGO

O planeta Altÿon fica na 68ª zona dimensional, perto da 5ª dobra cíclica da Constelação de Azthyiram na Galáxia de Andryöen, a oeste do quadrante Y. Os altÿonianos pertencem a uma raça, com profundas raízes místicas e religiosas. Vivem acima e abaixo de uma crosta metálica de cor dourada e lisa, que envolve todo o seu mundo. A parte externa adquire aspectos cromáticos, quando a luz da estrela Cannophus atravessa o horizonte, e a impressão que se tem à distância é de uma imensa bola reluzente, espalhando raios de energias pelo cosmo. Outrora, uma grande camada de massa, matéria sólida e outros elementos compostos e ferruginosos envolviam por completo todo o planeta, numa extensão de quase 200 km de profundidade; mas aos poucos, sob o efeito de um fenômeno gravitacional acontecido na 3ª Dobra Cíclica, e do empuxe de um sol desconhecido, essa camada foi se deteriorando, levada pelas violentas tempestades de areias... E assim, os ventos das monções periódicas foram aos poucos remodelando as paisagens e regiões inteiras.

O povo de altÿon foi obrigado a procurar por lugares mais seguros para morar, e sobreviver às longas e mortais tempestades; e partiram numa fuga desesperada para as profundezas do planeta.

Quando as perfuratrizes com suas brocas de Cristalion esbarraram com aquela parede metálica, e se estilhaçaram em milhares de fragmentos, foi uma loucura generalizada. Nem os raios de Solidiuny, nem os feixes cartóginos de energia Trylium conseguiram causar nenhum dano àquela barreira intransponível. Num rastreamento prospectivo daquela camada, descobriram grandes crateras ocultas há pouca distância, e dali em diante, grande parte do povo, passou a viver no interior do planeta, abaixo da crosta.

Atualmente, vivem entre uma conturbada e violenta batalha contra os maharnóides, e o temor de ir ao encontro de seus deuses em pecado; por isso carregam em seus bornais, símbolos sagrados de tempos remotos, na busca da proteção divina, pois acreditam que para cada estado da alma, existia uma entidade que com o seu poder e volubilidade, lhes ofereça guarida e proteção. Os altÿonianos são seres humanóides, bípedes, de pele muito fina e alva, possuem cabeças grandes e orelhas pequenas, muito desproporcionais a seus corpos franzinos. Usam uma espécie de óculos com visor cromático infravermelho, cujas hastes são fixadas para o interior do canal auditivo, e vêem através dele, numa simbiose de som e cor, que se fundem bioquimicamente, criando uma visão bastante aguçada e térmica dos objetos.

Divide-se em duas classes. Aqueles que praticam a arte da guerra até as últimas conseqüências, e que vivem em sofisticadas construções em forma de agulhas, soldadas no exterior do planeta, como se não lhes restassem nenhuma perspectiva futura, a não ser morrer heroicamente num campo de batalha, e os que convergem para um paradoxo filosófico; isolados nas profundezas do mundo, buscando no sentido da vida a razão de suas existências. Procuram numa rota paralela, um objetivo mais sagrado, que é encontrar no universo seres evoluídos, com os quais possam partilhar suas experiências sensoriais e extracorpóreas, e conhecerem os anseios, desejos, medos e sentimentos de outras civilizações, e assim, possibilitá-los enxergarem caminhos e descobertas infinitas. Faziam essa prospecção pelo cosmo por meio de ondas telepáticas.

Tudo corria muito bem, até que se defrontaram com os maharnóides. Em princípio, foi apenas um contato arredo, como se ambas as partes tivessem medindo forças. Depois, quando tentaram uma aproximação do modo usual, os maharnóides ergueram uma poderosa barreira de energia psíquica desconhecida, mas com áreas fracas como um labirinto. Os altÿonianos foram penetrando por aqueles caminhos, se aprofundando ingenuamente por cada atalho, e descobriram tardiamente, que na medida em que se aprofundavam mais para o interior daquela barreira, iam ficando enfraquecidos. Os que pressentiram a

armadilha recuaram a tempo, mas sofreram seqüelas mentais muito sérias; e as conseqüências foram desastrosas devido a grande perda dos Sábios e dos cientistas mestres. Uma grande onda de revolta cobriu o planeta Altÿon, e as classes que viviam se digladiando internamente juntaram forças para combater o inimigo comum.

Os maharnóides são seres com estrutura bio-luminescentes e se alimentam da mais pura energia cósmica. Possuem as mais variadas formas, mas, a mais conhecida é a que apresenta simetria irradiada. Quando viajam pelo espaço sideral, são protegidos por carapaças simétricas, como enormes caravelas, que acomodam em seu interior milhões de criaturas, e quando chegam a algum planeta, ou sistema, essas estruturas se desfazem e cada maharnóide adquire a sua própria característica. Como seres superiores, vagam pelo universo infinito, e não se fixam em nenhum mundo, dimensão ou lugar. Atravessam o universo sem nenhum impecilho, e quando chegam a algum planeta ou constelação, se apropriam daquilo que consideram mais importantes e partem, levando o conhecimento, as memórias, as lembranças... E o que resta geralmente, são seres transformados em autômatos e desmemoriados, que vão se aniquilando até a destruição total. Reproduzem-se misteriosamente, mas se multiplicam numa velocidade fantástica. Depois de um longo período de batalhas perdidas para os maharnóides, os altÿonianos descobriram que podiam combater-los, revestindo seus crânios internos com um composto de substâncias minerais, como silicato de cálcio, alumínio e philone, uma resina líquida encontrada no subsolo do planeta Altÿon. E conseguiram isso, através de um complexo processo de osmose, iniciado por meio de uma simbiose visual e que finalizava no indutor auditivo cerebral. E durante muitos confrontos obtiveram resultados positivos, e até conseguiram por um determinado tempo neutralizar a carga psíquica inimiga.

E assim, mantiveram-se agarrados a esperança de sucesso contra os maharnóides. Mas o povo de Altÿon não percebeu o que realmente acontecia; estavam completamente iludidos e equivocados com as aparentes vitórias, que chegaram a pensar que manteriam para sempre aquela proteção; ainda mais em se lidando com seres de inteligência muito superior. Mas, o que realmente se percebia, e eles não queriam enxergar, era apenas um prolongamento... Ou retardamento do final; pois os maharnóides mantinham um cerco ferrenho e intransponível sobre o planeta, sendo que a claridade refletida no solo altÿoniano era fornecida pela bio-luminiscência do próprio inimigo. E então aconteceu...

Os maharnóides se dispersaram céleres para fora da órbita do planeta, como se tivessem cansados da luta, abandonando a presa, desistindo da batalha... Permitiram assim, por alguns minutos, que jorrasse com toda a intensidade, o brilho fulgurante da estrela Cannophus, sob a superfície... E os altÿonianos viram o quanto seu mundo era bonito... Sentiam tardiamente, uma pontada de arrependimento, por abandonarem Altÿon em troca de uma aventura... Mas não tiveram muito tempo para ficarem se lastimando, pois logo começaram a chegar outros maharnóides; só que esses eram maiores, e se agrupavam em diversos núcleos mentais, e deles saíam hastes que eram cercadas por uma intrincáveis teia geometricamente perfeita, e por elas corriam pequenas partículas de energias coloridas. E aos milhões avançaram e penetraram pela 68ª zona dimensional, contornaram a 5ª Dobra Cíclica da Constelação de Azthyiram, na Galáxia de Andriöen e surgiram na atmosfera do planeta Altÿon, lançando centelhas elétricas por todos os lados. E cada habitante foi sentindo sendo esvaziado de suas emoções e sentimentos, sugados de suas energias, e seus corpos drenados de toda a essência vital... E apenas flashes de memórias foram restando de suas lembranças, até um vazio sombrio e total tomar conta... E nada mais.

Os que conseguiram escapar, se ocultaram nos profundos pântanos frígidos de cristais líquidos, dos

mundos internos, habitados por parasitas Kylliu^[1], mas sabiam também que era por pouco tempo; antes que um grupo avançado de maharnóides viesse busca-los. Mas, enquanto tal não acontecia, – e eles não entendiam o porquê –, iam fugir furtivamente pelas brechas espaciais, em pequenas e ligeiras naves de assalto. O único problema dessas espaçonaves era só cobrirem curtas distâncias. Permaneciam dentro de um perímetro seguro, entre o local de ataque e próximos do apoio estratégico; a nave mãe. Só que no momento inexistia tal apoio, e se não fossem abastecidas a tempo, em algum planeta, serviriam como seus próprios túmulos! Contudo, ao se arrojarem no espaço, pressentiam que os deuses lhes favoreciam, lhes indicavam um caminho muito além das estrelas, e por isso, confiantes, numa rota cega, partiam pelo hiperespaço numa velocidade hidrossônica, através de fendas temporais e distorções dimensionais, numa fuga louca e insana. Quanto mais distantes estivessem dos maharnóides, melhor seriam suas vidas.

Aos milhares, num grande círculo, eles aguardavam pacientemente. Vários tipos de maharnóides num cerco intransponível; interligados a alguma força ainda muito maior. E justamente, o espaço deixado entre eles se movimentou, e como uma bolha se inflou, e em seguida, estourou silenciosamente, e do seu interior, abriu-se um portal cósmico de onde saíram as pequenas naves de assaltos altyonianas. E desta vez não havia mais como escapar, nem como retroceder, pois assim que a abertura chegou ao máximo, muitos maharnóides já estavam em seu interior impedindo qualquer fuga. Parecia que sabiam o que estavam fazendo. Poderiam ter eliminado todos durante o ataque ao planeta, mas não, foram deixando espaços para que pudessem empreender fugas. Como se estivessem agindo dentro de um planejamento bem organizado.

Vortlan era um típico guerreiro altyoniano; passara por todos os processos osmótico com o indutor, aprender a utilizar em separado, cada substância em porcentagens que variavam de mínima à máxima, e aplicava o phillone puro diretamente no cérebro, que lhe dava uma visão mais ampliada e uma agilidade de pensamento mais veloz. Mas isso tudo era somente para conhecer um pouco mais sobre os segredos mentais do seu povo e se resguardava, neutralizando qualquer sensação de medo. Como guerreiro não sentia essa sensação, mas depois que começara a desvendar os mistérios dos seus antepassados, descobrira outros sentimentos ocultos e muito estranhos à sua formação militar. Ter medo era baixar a guarda para o inimigo, e ele não pretendia se entregar tão depressa. Depois de analisar toda a situação tinha de agir instintivamente como aprendera; raciocínio ágil, lógica infalível e rapidez nas soluções. O seu plano era ir se afastando sorratamente, se isolando do grupo prisioneiro, até ousar uma fuga suicida. E, sem muito pensar, acionou os motores em força total, chegando até limite máximo, e numa arremetida louca sumiu no horizonte abrindo um túnel eletromagnético tempestivo fractal. Era uma armadilha! Ao pular para a outra dimensão, um grupo de maharnóides já o esperava. Apavorou-se! Estavam em todos os lugares! Mas não freiou; acionou os motores auxiliares com o resto de combustível, e projetou-se em velocidade hidrossônica para qualquer lugar a sua frente, penetrando novamente em outro túnel fractal; e através dos seus óculos, e percebia apenas traços bio-luminescentes passando, e que se grudavam as suas vestes, procurando um caminho para invadirem a sua mente. Com o pouco que lhe sobrava de lucidez, viu que os instrumentos esquadrihavam um pequeno sistema solar mais adiante. Direcionou a nave para aquele quadrante, no instante em que o indutor auditivo cerebral recebia um impacto forte de luz, e adquiriu uma tonalidade diferente e pressentiu a sua mente ir sendo dominada. Percebeu ainda, num átimo de segundo, quando a nave, no automático, não obedecendo ao plano de órbita para adentrar na atmosfera de um planeta, se chocou num baque forte e violento contra o

seu campo gravitacional. Depois, um brilho intenso cegou-o momentaneamente, e em seguida, um calor sufocante tomou conta da cabina. Sentiu a sua mente se desprender do corpo num solavanco, de forma bastante dolorida e bastante violenta... Durante uma explosão, percebera quando fora arremessado como um projétil contra a superfície de um estranho mundo azulado. Viu quando minúsculos pontos foram se transformando em imensas cadeias de montanhas, vales verdejantes, massa líquida azulada, depois os contornos marrons e acinzentados de grandes construções filetadas. Entrou em desespero quando o solo se aproximou, e aguardou silenciosamente o momento de ser absorvido... Viu um imenso prédio branco com luzes ofuscantes se interpondo no seu caminho... E tudo se tornou escuro.

Vortlan estava confuso. Que lugar era aquele? Que escuridão era aquela? Jamais havia sentido aquela espécie de sentimento. Uma presença constante ali o incomodava. Se fosse um maharnóide já teria sido identificado pela sua estranha luz, aliás, já estaria morto... Mas não estava. Continuava vivo. Sua mente permanecia intacta. Uma sensação esquisita brotava bem no seu interior. Não conseguia localizar onde estaria o maharnóide?

Novamente aquela presença estranha se fazia presente, mas não se mostrava. Emoções muito fortes eram projetadas sem sua mente... Anseios, desejos... Uma voz surgia, depois imagens como num relâmpago, se misturavam numa profusão e se fundiam... Via-se sendo arremetido no vazio, e um corpo vindo ao seu encontro, depois somente um silêncio tortuoso. Sim, uma espécie de corpo lhe servia de amparo, mas precisava ir além do corpo. Precisava saber onde estava. Uma imagem de um lugar desconhecido surgiu; em seguida, uma paisagem muito confusa, uma estrada passou em grande velocidade... E novamente a escuridão. Estava prisioneiro dentro de alguma coisa viva. Captava as memórias e impressões de algum ser... Mas o que acontecera? Onde estava? Ocupava um espaço... Pressentia algo muito forte se aproximando... Não pode se mover quando aqueles sentimentos, aquelas emoções se apropriaram da sua vontade, e então compreendeu, que mesmo contra a sua vontade, não poderia evitar que aquela força agisse a bel prazer. Entretanto, devia ficar preparado, pois havia alguma coisa pronta para explodir como uma estrela, que chegando ao limite de sua expansão, tentasse revelar ao cosmo todo o seu esplendor... Mas estava prisioneira da sua própria luz fulgurante. Necessitava desabafar... Começava a identificar as energias que fluíam ao seu redor. Não eram de maharnóides. Apesar de toda a confusão, algo profundamente emocional se aproximava... Não eram desconhecidas aquelas impressões. E como um ser que sondava o universo em busca de experiências sutis, de outros povos, se sentia completamente subjugado; enclausurado dentro de um corpo que não lhe correspondia, mas lhe atendia nos mais ínfimos desejos, e lhe mostrava o que eram sensações, memórias, lembranças, anseios, revoltas, choros, risos e outras emoções que lhe eram completamente desconhecidas. E só podia ficar, escutar, sentir e sonhar... Desconhecia aquele modo dele agir.

Vortlan estava atônito. Tentava vasculhar com a mente algo que pudesse identificar... Por um instante uma imensa claridade ofuscou-lhe as vistas... Conseguiu vislumbrar além do corpo o que se passava; seres estranhos com mascaradas brancas se agitando ao seu redor, mas tudo no mais profundo silêncio. Sentia-se como se estivesse aprisionado dentro de uma cápsula transparente. De vez em quando voltava a escuridão completa, e ele forçava a mente... E novamente pode ver quando pegaram aquele corpo que lhe servia de hospedeiro (?), e colocaram-no numa espécie de leito, e depois lhe encheram de tubos... Espetaram agulhas e puseram bandagens apertadas pelos braços e pernas.

Seus olhos fecharam-se de vez. Novamente, aquela presença alienígena se fazia presente, mas não se mostrava. Percebia uma emoção muito forte lhe invadindo. Sensações que não estava acostumado a sentir, anseios... Desejos... Lembranças desconhecidas... Memórias de fatos passados... Estava mais que confuso! Uma voz num idioma desconhecido começou a falar, dominando todo o seu ser. Depois outras

em tons mais suaves, chamavam-no por outro nome que não conhecia. Imagens passavam num relâmpago se misturando, numa profusão, e se fundiam com as suas... Lembrava-se claramente do seu mundo, do seu planeta, dos seus amigos, mas começava a misturar tudo... Sentia uma ligeira incerteza se era realmente quem pensava ser... Em poucos minutos muitas dúvidas surgiram. As memórias que captava, as emoções que sentia, os sentimentos que se apropriavam da sua vontade, não lhe pertenciam.. Ou?

Não, alguma coisa estava errada. Sabia perfeitamente quem era, ou que fora. Possuía suas lembranças guardadas, contudo, algo mais acontecia. Devia deixar de ser intransigente, e proceder como lhe passaram os ensinamento. Aprendera que o universo é só energia, e que ela estava em todos os corpos cósmicos. E que tudo se funde num só elemento divino. Ao se transmutar em energia, devia abandonar os vícios da mente e deixar-se levar para se unir às grandes forças do universo, que se fundiam numa interação cósmica una.

Ergueu uma barreira mental, como fazia para se defender dos maharnóides, mas notou que instantes depois, era absorvida por uma força muito mais poderosa. Novamente, ergueu outra mais forte, buscando neutralizar qualquer pseudofonte de energia mista. E se repetiu tudo de novo. A absorção da barreira e agora, o pressentimento da aproximação de um ser. Ser? Seus olhos se abriram numa fenda mínima, mas ele pode ver, um ser de olhos lacrimejantes vir se aproximando. Num insight se lembrou de Lúhl. A sua face suave, meiga, mas amuada; seus olhos lacrimejantes, o calor das suas mãos acariciando o seu rosto... E depois a escuridão, e depois o silêncio profundo, como se tudo houvesse acabado, terminado, concluído.

O que estava acontecendo? Não podia ficar ali para sempre sem saber o que se passava. Então, relaxou, abandonou todos os seus temores e deixou acontecer... Vir o que haveria de vir... E foi sendo literalmente sorvido; absorvido por uma energia muito viva, ativa e extasiante. Contudo, sofredora, cheia de receios, de medos, de sentimentos frágeis, mas com uma personalidade marcante. Uma luz assim como uma voz surgiu na sua mente...

“Sou Halcen, tenho 38 anos, estou nesse estado vegetativo há muito tempos. Durante todo esses anos, tenho orado aos céus, suplicado por alguma coisa que acabasse com este meu sofrimento... Porém, não queria morrer sem antes confessar os meus anseios, meus desejos, minhas revoltas... minhas lembranças que ficaram para trás, e que vão se perder com o tempo...”.

Vortlan percebia que estava sendo incumbido de uma missão impossível. Não se sentia confortável diante aquela situação! Não podia se responsabilizar daquela maneira com aquele Ser que tinha um tempo/espço muito sutil. Morrer com apenas 38 ciclos! A sua vida não durava nem um segundo diante às possibilidades infinitas do universo. Um período muito curto. Isso lhe deixava completamente indefeso e perdido... O que existiria dentro de um alienígena daquela espécie? Precisava ter muita precaução a esse respeito. Todo cuidado era pouco diante uma criatura que nem imaginava como seria. Também podia ser uma armadilha. Duvidava disso. A sua situação era muito delicada. Quando os maharnóides o descobrissem estaria em apuros, seria completamente eliminado! E ainda mais, a sua mente não fora trabalhada e preparada para receber tais tarefas. O seu pensamento lógico era incompatível com as razões sentimentais; sempre impulsionado pela praticidade dos cálculos estratégicos de guerra... Não queria assumir algo que estava muito além do seu conhecimento, e que não podia suportar. Lutar contra os maharnóides era circunstancial; absorver a mente de outro ser impunemente, era uma invasão amoral. Era transcender a liberdade de pensamento... Mas por outro lado, a sua condição de um intruso dentro daquele corpo também não lhe permitia muitas escolhas, nem recusas... Se quisesse manter-se oculto, precisava ser solidário, e o hospedeiro buscava a sua ajuda...A ironia era ser o hospedeiro dentro do seu próprio hóspede!

Cedeu a realidade dos fatos, e abaixou a sua guarda. Então sentiu a fusão de suas mentes no mundo cósmico: e o humano alienígena começava a lhe repassar seus valores, suas emoções, seus lamentos, seus desejos mais íntimos, seus sentimentos mais profundos para o outro alienígena se dispor deles como melhor lhe conviesse, e cumprisse assim a sua missão...

Uma enxurrada de imagens surgia na sua mente, como se as estivesse vendo nas telas de um Visiocrons. Toda a vida daquela entidade era mostrada ali como se estivessem sendo escritas com tinta Cyryl, e gravadas em sua mente alienígena da maneira mais rude que podia existir... Páginas e mais páginas surgiam numa leitura silenciosa, e num idioma de caracteres desconhecidos, mas que eram interpretados de forma bem sintomática.

CAPITULO UM

“O princípio é como um sonho. Mas como todo sonho é passageiro, existe uma infinidade de começos. E um início não pode ser obliterado por causa de mentes tacanhas, por mentes atrasadas, por mentes perturbadas, por mentes insensíveis, por mentes desinformadas, por mentes imbecis, por mentes calhordas e obtusas. E no principio era o caos. E depois de toda a mixórdia formou-se o Belo Amorfo. Depois nasceram os homens em busca dos sonhos e ilusões futuras.

Mas o sonho é como uma busca constante dos vendavais em verdes pastagens, onde o sol é apenas o reflexo dos caminhos escondidos dos sonhos e ilusões futuras.

E quando o homem se esquece da sua natureza, tende para o absurdo. Ao longe, em seus desvarios, apela sempre para a inconstância permanente de nunca ser coeso com sua imagem e semelhança, mesmo quando se olha no espelho. E difícil é solicitar ajuda do próximo, quando o mesmo está impossibilitado de desvendar seus próprios sonhos e constantemente, com medo de superar sua própria resistência.

E o medo é o elo permanente entre a vida e a morte. Em si, a vida já leva muitas vantagens sobre a morte; independente do ângulo em que se percebe a observação. A vida é como um rio que corre... Mas em mar aberto, as águas se fundem, se entrelaçam, se mesclam, se confundem desabrochando em desejos inconfessáveis, e no fim, depois de infinitas reviravoltas, tornam ao ponto de partida... Indubitavelmente, há explicações, há implicações, metafísicas... Mas estou pouco me importando de que lado é a margem do rio. Quando se lança uma pedra à distância, dependendo do vento, ela pode voltar a nossa cabeça. A minha preocupação é tão grande e mortal, que chego a verter lágrimas a cântaro.

E por falar em morte, quando começamos a pensar na dita figura, observamos o desgaste de idéias, a que ela irremediavelmente nos arremete, e percebemos que não tem cura, não tem solução. É o nosso eterno conflito existencial...

E uma coisa leva a outra, afinal, é tudo uma questão de oportunidade. É como o piscar de olhos... O cego deveria ser muito feliz... E, no entanto, vive querendo ver... Se vir, enxergar, olhar fosse a coisa mais importante do mundo, o homem não procuraria se ocultar na sombra. A vida ou a morte é assim mesmo. Quanto mais nos ocultamos, mais estamos próximos da realidade, e não adianta discordar dos fatos; se bem que discordar faz parte do cotidiano. O homem vive para discordar. Quando não discorda, está morto, enterrado e sepultado.

Mas pernicioso e inseqüente é o vagido derradeiro da gota de orvalho, quando o sol vem surgindo à leste de qualquer lugar. Cheio de tensão, nervos à flor da pele, estrídulo e distonal. Assim como o homem quando retorna ao lar após um dia de trabalho estafante. Reconfortante e salutar é um banho fresco, depois sentar nos pensamentos e sonhar... Sonhar com sonhos e quimeras...

... Mas o sonho nunca acabou... Infelizmente ou felizmente, a realidade é uma fábrica de monstruosas e assustadoras fantasias. E aterradoras são as noites mal dormidas, quando saímos em busca de nós mesmos, e só encontramos sombras amorfas noite adentro, perambulando feito calças balançando ao sabor do vento, penduradas nos varais da inconsciência. Mas o sonho preocupa, machuca, dói como um peso na consciência.

A inconstância da dor alivia a embriaguez dos caprichos de mulher mal amada, quando partem pelo mundo afora em busca de prazeres e orgasmos belicosos. E quando sentem o sangue virginal macular o lençol, choram feito donzelas remidas no colo da concupiscência. E depois descobrem, envergonhadas, que tudo não passou de um ciclo menstrual impróprio.

Não se pode deitar perfume nos sonhos, pois volátil é o prazer sentido em cada devaneio. Quando o vento sussurra nos ouvidos capciosos inconfessáveis promessas, o vazio se preenche de vontades

contumaz. E a tristeza habita os olhos da gazela perdida... E o encontro tão esperado transforma-se em onírico pesadelo, e só resta o silêncio dos lábios gélidos das estátuas abandonadas, desamparadas, vadias e sôfregas nos jardins rotos do tempo.

E a necessidade constrói castelos de areia durante as noites mal dormidas, e no êxtase de sucumbir aos desvelos da solidão, faz com que se percam os ideais pictóricos. E quando vem o dia, majestoso e fugaz, a alegria se manifesta outra vez... E surge novamente o desejo, a ganância, a psicose, o prazer de possuir outra vez as experiências passadas. Contudo, nunca foi preciso navegar contra a maré, pois a razão não nos possibilita criar crocodilos em perdidas esperanças... E nunca é tarde para matar as saudades, quando as lembranças não podem ser esquecidas. Mas velejar contra a maresia faz do homem uma caixa de cimento... E o peso da idade, enobrece as horas passadas no labor renhido, dos braços cansados, de tanto pensar na busca da saudade.

E os olhos gratinados de lágrimas despertam para um desjejum insípido, frugal e cruel.

Louco é patinar em areias movediças, quando não se tem a certeza das coisas, e o esperto usa a criatividade para aplacar seu desejo; usa a criatividade da paixão para sublimar as delícias de um tresloucado desejo de possuir os sonhos, e as loucuras intermediárias, entre a solidão e o aprisionamento da lucidez, depois sai porta a fora imprimindo um sorriso de satisfação néscia, e transforma o corpo num lupanar de sensações inconfessáveis.

E a descoberta do princípio indissoluto é que faz com que chuva não macule o sonho dos noctívagos. E durante a noite, quando apenas o homem sonha e desperta, é que surge a necessidade intrínseca de coabitar o mundo selvagem em que vive, para poder existir em paz, e em harmonia com os votivos, inebriados com as saídas mentirosas em deflexão das libélulas, esvoaçando pelas estrelas noturnas perdidas em brilhos estéreis.

Doce seria pernoitar entre seus braços e esquecer que lá fora, desvairado, na saudade do seu olhar, no esquecimento do seu suspiro, e na sua solidão da sua voz, eu me perco consoante a sua sombra que passa, e não quero sucumbir jamais aos desenganos tardios do “poltergeist”, que rebusca a sua imagem em rostos que passam rápidos, como um relâmpago da eternidade, no brilho dos seus passos.

Queria inundar o seu ventre de estrelas cadentes, e transformar o seu ser numa aurora boreal; mas o meu desejo é fremente, e osculo a luz que afaga a sua imagem como um mágico que realiza o milagre do impossível em busca da perfeição.

Vortlan estava confuso. Milhões de imagens desconexas invadiam a sua forma de pensar. Emoções estranhas lhe causavam um certo desconforto, e não havia nenhuma lógica. Era como se a sua alma se arremettesse no vazio infinito sem alcançar nenhum objetivo, nenhum porto seguro... Uma avalanche se aproximava... Aquela alma alienígena lhe perturbava.

CAPITULO DOIS

E o tempo enclausura o homem no seu próprio espaço. E quando se fala em tempo/espaço, divagamos na incompreensão das intempéries cósmicas do insofismável vir-a-ser. Ocasionalmente, o homem se pendura na murada de sua inconsciência, e se perde em lembranças. Quando pode, ilusiona sua estadia em albergues solitários, mas quando se encontra aprisionado, vendo sua auto-imagem refletida no espelho, grita, berra, esperneia até voltar à realidade, e o tempo desencadeia uma tempestade de memórias e lembranças passadas nos braços do silêncio. É como querer pegar uma galinha e ela escapa-lhe das mãos, para precipitar-se atônita no espaço reduzido de sua consciência. Diz-se que um elefante ocupa muito espaço. Imaginamos que a amplitude, latitude e longitude desse imenso animal, cujo corpo se nos oferece como modelo, caiba dentro do nosso pensamento... Interessante é pensar que transformamos toda idéia, fatos, ou coisas de dimensões desproporcionais em minúsculas partículas de conhecimentos, e as projetamos em nós como último recurso.

O louco não concebe o seu tamanho até ver a proporção da sua sombra, e o homem não percebe a sua grandeza até observar o Universo, depois sai em busca de esclarecimento, e torna-se pequeno, na medida em que vai descobrindo suas raízes. E via de regra, volta ao passado. Como eu, que busco insandecidamente o futuro dos meus passos, e me perco nos jardins das delícias, em cada esquina que tombo para além da minha imaginação. Sinto o coração palpitar, e meus dedos saltitantes e caritativos, buscando consolos nos corpos estremecidos das doces virgens que nunca se orgasmaram, nem chegaram ao ápice de um gôzo estremecido de desejos lascivos e concupiscentes.

Mas eu te busco nas retortas espaciais, nos desencontros da vida, e anseio estar com você, uma nesga de um átimo de tempo. Só me resta esse vazio equidistante de nossos corpos que se tocam, se falam, mas se afastam de um comprometimento eterno. E os nossos olhos se encontram... Busco uma réstia de luz que nos ilumine em nossos encontros furtivos, e de repente, saio porta adentro na busca de beijos carnívoros que me façam viver o onipresente de sua vida.

Mas doce é caminhar entre espinhos, sabendo que se está usando sapatos de segurança, com biqueiras de aço e tudo mais. É tão fácil ser sutil quando se está com a razão. Difícil é encarar a vida quando se está com a corda no pescoço. E geralmente, os heróis morrem covardemente em busca de ideais sutis, enquanto que os covardes se glorificam por serem perseverantes e coesos com suas realidades. Às vezes eu me pergunto se o peixe voador sabe que está cometendo suicídio quando esvoaça feito gaivota por cima d'água? Serão os heróis tão covardes a ponto de cederem suas vidas por causas justas? Ou serão os covardes, os heróis por perpetuarem sua estirpe, e organizarem o time em campo, não entregando a bola ao inimigo, que apesar de inimigo, é também herói e covarde?

Porque o herói nunca dorme direito? Insônia? Indigestão? Será porque vive a espera de fazer um ato bravio e entrar para a história? O homem quando defende seus direitos, sua casa, seu trabalho, seus filhos, seus vícios, suas amantes, seu direito de defecar em paz, seu ir e vir, também é um herói; mesmo quando às vezes, ele peca por desejar a mulher do próximo. E já não se praticam mais atos de heroísmos como antigamente. E, mesmo nos tempos da vovó, bravura era passar por baixo de uma figueira à meia noite, ou dar uma facada numa bananeira à mesma hora, ou então cruzar o cemitério e ir ao cruzeiro em alta hora. E o que mais...?

E o covarde, tão deselegante, maltrapilho, chafurdado na lama, escorraçado pela plebe ignara, vandalizado pela sociedade é um incompreendido. Miserio mortal que não se descartou da vida por uma causa nobre e justa, mas até quando uma causa é nobre e justa, a ponto de se oferecer em sacrifício? E a justiça divina? Que o Senhor, na sua infinita bondade, se apiede de nossas oblações, de nossos medos e

dos temores latentes em todos nós.

E o sonho não finda com o abrir dos olhos. Cada encontro é como uma quimera repleta de ejaculações precoces debaixo do tapete da sala. Cada resquício de estrela rebuscado no fundo da memória é como se sentisse prazer, volúpia da própria dor, ao entrar em êxtase. E não é masoquismo... É apenas o desejo perene de sentir o desejo desejado até o orgasmo existencial. E seria até loucura venial, se nós não sonhássemos que temos tudo. Terrível é permanecer na escuridão apascentando ovelhas, enquanto o lobo mal palita os dentes com os ossos da novilha desgarrada. Mas quando me vejo só, na solidão da noite, meus pensamentos se entredevoram; pecam-se, se tornam lascivos, pecaminosos e oniscientes da minha carnalidade, então, carnívoros, se alimentam das minhas idéias, minhas memórias, minhas ilusões, minhas quimeras, minhas letargias, minhas agonias, minhas glórias, minhas fracassadas vitórias, minhas lembranças...

E o que seria do sonho, se não fosse o apagar das luzes, que refletem a nossa imagem no picadeiro indecente da vida? Ilusões à parte, é difícil sonhar quando se está endividado. É difícil sonhar quando se está amando. E difícil sonhar quando se está à beira do abismo. E, por mais que queiramos sentir a sensação de uma noite bem dormida, nunca conseguimos lembrar do que sonhamos. E a sorte passa de raspão, com números mirabolantes, e depois somente o esquecimento.

Amar é participar do sonho. Quisera sonhar com você, transformando o seu corpo num quasar, e me envolvendo de energia e gozos deleitosos. Sonhar com você, beijar seus lábios voluptuosos e carentes, até descobrir quantas cáries você tem na boca. Mas isso não importa. Transbordando de desejos, de ansejos, de vontade louca de comer, sugaria até os farelos de pão, ou os resquícios de comida dos seus lábios, e idolatraria seus cabelos por ocultarem petiscos apetitosos para as horas ensossas.

Perdoa, meu amor, mas a fome é tanta, que misturo poesia com feijão. E você, minha vida, é o prato principal.

Anoitece. E quando a noite vem chegando devagar, com esses horários desencontrados de verão, eu me perco falando futilidades e amenidades, pois é necessário falar besteiras, baboseiras e jogar conversa fora para se apurar o raciocínio crítico. O homem é um louco, um doido varrido quando não faz uma doidice ou alivia a sua tensão em algo tão absurdo, que até Deus põe em dúvida a sua criação. Se ele não explodir de alguma maneira, se ele não fizer alguma coisa que o desvie um pouco da sua rotina, ele enlouquece. É necessária uma reflexão... E eu me sinto num mato sem cachorro.

A inteligência inibe os valores. A burrice adultera e menospreza os cálculos. A sensatez refuta o dom de conceber a criação. Por isso, o homem se corrompe, estupra a sua consciência, violenta sua vontade e se vicia a sua razão de ser. Porquê? Por que simplesmente ele não extravasa a sua tensão num beijo, num abraço, num afago, num carinho. Mas quando o faz, beija beijando, ama amando, abraça abraçando, afaga afagando e olha olhando.

Contudo, não se fazem mais homens como nos idos de antigamente, e nem antigamente se faziam homens como hoje, e nem nunca se fizeram homens nem mulheres como hoje, nem ontem nem antigamente, nem nuncamente! Comparar homens e mulheres não leva a nada; nem se chega a conclusão nenhuma... É puro desperdício de tempo!

Mas suave é permanecer ao seu redor, embriagado pelo seu perfume, e esperar as horas passarem num lampejo.

Às vezes me pergunto: o que dói mais, uma facada no peito ou um coração partido? Acredito que nenhum nem outro. Ambos se cicatrizam com o tempo. A ferida se fecha em si, escondendo toda dor e mistério. E enclausurada no silêncio, a mágoa se rende a pressão do cotidiano e se esquece no fundo da alma. E assim, passam-se os dias vão-se as noites frias, longas e impiedosas. Voam-se os meses, os sonhos se volatizam. E os mendigos se acotovelam debaixo das pontes, esfomeados, buscam nos lixos pedras de brilhantes para saciarem a sede, e brigam entre si pelos restos de caviar. Soçobram esperanças. E depois, dos meio-fios da vida, mergulham desatinados sob as rodas de um carro, buscando refúgio no espírito.

E o que dói mais?

Dói saber que não se é mais amado, dói saber que o romance acabou, dói saber que tudo não passou de um lêdo engano, dói descobrir que o amor nasceu prematuro, dói revelar-se e ser o ridículo no picadeiro, dói amar um coração frio de esperanças, dói ter lembranças e sabê-las em vão.

Insondáveis são os mistérios da vida, mesmo quando não estamos nem aí para os acontecimentos. E, quando apenas pretendemos viver a nossa vida isoladamente, os desígnios do acaso nos espreitam pelos caminhos, pelas sombras, pelas brechas do tempo/espço do pensamento, e num arroubo de surpresa, nos projeta contra os fatos. Então, passamos a entender que viver é participar da vida, revoltados ou não; tudo o que supomos ser vital para a gente, não passa de meros detalhes para o nosso destino, e assim, o real e o imaginário passam a conviver com o nosso cotidiano, sem estabelecer regras nem normas. O real deixa de ser real quando se torna imaginário, e o imaginário deixa de ser imaginário quando se torna real. Mas quando o real é imaginário e o imaginário é real? Como viver em realidade, quando tudo o que pensamos é imaginário? O que determina o imaginário quanto realidade, e o que predispõe o real quando é imaginário? Linhas tênues e ilusórias superam todo o conceito, e paralelas em pontos de fuga, fazem-nos crer que apesar de tudo, os sentimentos são reais e imaginários...

São reais quando afetam nossas vidas, transformando nossas emoções em cascalhos paranóicos e fragmentos psicóticos na busca do ego ferido? Ou são imaginários quando descobrimos que perdemos a noção do tempo tentando desvendar o que nunca passou de mero acaso?

Mas estar entre o real e o imaginário, prefiro ficar pensando que tudo acontece por uma razão de ser. O imaginário antecipa o real, e o real, bem... O real é uma faca de dois gumes, totalmente enferrujada, que se enterra diariamente nos sonhos de todos nós.

Contudo, real é o sentimento que antecede ao delírio de amor. Nada mais triste do que imaginarmos a realidade das emoções passadas, e buscarmos no imaginário, situações acomodadas e felizes para cada momento, mesmo quando não os foram. E buscar respostas em memórias e lembranças passadas lanceta o coração de maneira fria e ríspida. O imaginário é conceber sonhos felizes e romances espetaculares, e o real é acordar e não ter nada o que comer, e estar completamente sozinho, sem um amor, sem uma paixão, sem uma vida a dois, sem ninguém...

Mas nem tudo na vida é um mar de rosas... A lama também é monazítica e faz com que o homem, ou nós, reles mortais possamos ter compaixão de nós mesmos e dos outros... E me pergunto sempre. As nossas relações, os nossos encontros são reais ou imaginários? É imaginário quando apenas permanecem no campo dos encontros ou são reais quando se transformam em emoções?

Há duas respostas. Um sentimento é imaginário e o outro é real. O que inicia o relacionamento tem a realidade objetiva em mente, e o que recebe, aceita o imaginário como princípio, até se tornarem cristalinas as intenções ora equivocadas. As emoções se fundamentalizam em conceitos onde apenas o “sentir” se transforma em algo real. Logo o amor não é coisa tangível, é imaginário; mas que podemos fazer acontecer no real quando menos se espera. O que posso dizer? É o verdadeiro milagre da vida. E concluímos que a essência do amor está realmente no imaginário e nos fundamentos do real.

O gostar, o se apaixonar, o amar... São partes de uma equação ambígua assim como o odiar e o detestar. Se pararmos para pensar, tudo em nossa vida faz parte de um verdadeiro complô divino. O Senhor fez o homem, deu-lhe o imaginário e disse: **Vai a Faça!** Até aí ele (o homem) continuou pastando. Ir para onde? Fazer o quê? Quando? Porquê? Como? Acho que depois deste questionamento constrangedor, o homem foi largado no mundo para descobrir sozinho de onde veio, para onde vai, como irá para tal lugar, como irá chegar lá, e porque está indo para não sei onde, e terminando os seus dias em lugar nenhum... Fico pensando se devo chorar ou cair na gargalhada amanhã. O fato é: até quando podemos resistir ao amor e ao ódio? O quanto podemos suportar os sentimentos e as emoções? Somos fortes o bastante para agüentarmos pacificamente as tragédias da vida? Possuímos amor o suficiente para nos apaixonarmos

num desprendimento altruístico? Podemos dizer que somos pessoas de bem, que não somos egoístas, que rezamos para o próximo, todos os dias, que oramos, que confessamos, que damos esmolas, que fazemos caridade, que amamos todo mundo, que estamos sempre felizes, que não fazemos mal aos animais, que não fazemos uma porção de coisas... Nós podemos acreditar quando dizemos isso tudo do fundo do coração? Mas será realmente verdade? Entre ficar olhando para cada um, prefiro contar estrelas... Mas aí me questiono. Aquela estrela que estou olhando, esta lá em cima mesmo, ou é apenas a sua luz? E o real e o imaginário me fustigam numa comoção enlouquecedora, cheia de imaginação real. Afinal, eu me pergunto: quando sou real e quando sou imaginário? O quanto sou real e o quanto sou imaginário? No real, há uma determinação do espaço/tempo. Toda a natureza, todos os seres do mais ínfimo ao maior e mais poderoso da Terra, tem seus dias contados a partir do nascimento. Tudo termina num lapso de tempo, tudo se esvai como as gotas de orvalho, tudo perece como as folhas de outono, tudo se extingue de forma abrupta e inconseqüente e, tudo num abrir e fechar de olhos se transforma em nada. Volta à estaca zero! E a vida gira ao redor do que é real e imaginário.

No imaginário tudo transcende à catarse das emoções do real. O sonho finito se torna imortal, e o pensamento sobrepuja os sentimentos mais pueris. Num abrir e fechar de olhos as ilusões se eternizam na mente em busca de socorro, e se esfacelam contra as seqüelas do passado. Viver o imaginário é buscar sempre alternativas de sobrevivências nas reentrâncias da paixão do que é real.

Em que mundo, em que universo eu vivo?

Quando olho para o céu e observo as estrelas, imagino que você também deve olhar para elas. Mas será que os seus pensamentos compactuam com os meus? Será que ao olhar aquela imensidão, você pensa em mim? Nos momentos em que passamos imaginando outros mundos, outros planetas... É bem difícil... Difícil é pensar em mim. Difícil é se lembrar de mim! Será que ainda se lembra que existo? Muito pouco provável... Provavelmente, não sou nem lembrança... Quiçá uma poeira cósmica.

Se cada estrela que brilha no firmamento é uma réstia de esperança em cada coração, todas as vezes que olho para aquele céu estrelado, vejo que nem tudo está perdido... Cada vez mais, percebo que ainda existem pessoas que acreditam na possibilidade do milagre...

Céus! Em que mundo, em que universo eu vivo?

Vortlan estava impaciente. Se os maharnóides dominassem aquele planeta com certeza fundiriam suas mentes com tantas interrogações, antes de aniquilarem por completo o sistema. Se aquela entidade que lhe passava todas aquelas emoções, era realmente um habitante daquele mundo, existiam dúvidas e incertezas terríveis dentro dela...

CAPITULO TRÊS

Enfim, a porca torce o rabo! Depois de muitas pesquisas e de uma ginástica fantástica, descobriu-se que a cartilagem serve para cicatrizar melhor as operações de cirurgia plástica. Será verdade? Qualquer dia vão revelar que nariz de porco, na falta de energia, serve de tomada. E o que mais? Como já dizia o meu tatatatataravô: Quem viver... Verão!

E verão muito mais, quando se for buscar no verão passado as raízes, e descobrir que se está amando. É amando que se descobre a extensão do Universo, o caminho das estrelas e toda a solidão do infinito. É amando que se encontram os quasares em cada brilho de olhar, em cada som... A melodia melíflua e suave da insondável natureza. Em cada busca, um tocar constante de corpos que se encontram e se afastam pelos cosmos, e se roçam mais adiante num ir e vir eterno. É amando que se descobre a profundidade dos desejos incontidos nos gestos que explodem em miríades... E se escondem insatisfeitos para não magoar, para não ferir, para não sentir medo de perder os sentidos...

E depois voar, voar pelos espaços infindos em busca de envolvimento, de loucuras que fazem o homem pensar em anseios proibidos e inconfessáveis. E quando ele deixa de participar, ele fenece, gorgulha feito mariposa e estrebucha feito um animal ferido e pronto!

PRONTO! E o homem é presa fácil de sua própria armadilha! Não há como escapar... O amor, o ódio, discrição, a rejeição, o nêjo, a desfaçatez, o desejo incontido, a fome, a solidão, o desprezo, o silêncio fazem parte do seu cotidiano. Via de regra, ele vive brigando por esta ou aquela questão, porque necessita, no fundo de sua alma, de um clima de suspense que o faça chegar ao clímax, à catarse!

O amor só é amor quando os desejos se revelam; transformam-se em ódio e solidão, em ciúmes e depois em amor novamente. Amor por amor simplesmente não existe. Ninguém que está com a barriga cheia quer mais comida. Nem quem está com fome, aceita um prato vazio. O amor é troca de relação, de sentimentos, de ternura, de carinho, de toques, de beijos furtivos, de olhares mudos e gritantes... De abraços amiúdes e quase carência total, que se completa com o silêncio dos lábios e dos afagos.

Queria eternizar toda a minha existência quando estou ao seu lado, mas o sonho é passageiro, e tão logo abro os olhos insones, vislumbro através da vidraça, sombras amorfas rondando meus pensamentos. E vejo que estou só... Só no silêncio dos espaços incontáveis, que rebuscam seu aroma numa nesga de perfume, que se esvaiu há milhares de anos-luz, nessa imensidão de pecados, que resfolegantes querem também participar de toda a essência eterna e permanecer unidos. Só quando busco a razão da minha vida, é que percebo que estou só. Só como a solidão profunda dos seus olhos... Só como o mutismo da sua voz. Só, como os pássaros que voam em grupo, e se perdem no meio da multidão. Só como a esperança de ouvir você falar... Só quando busco a sua imagem, é que me deparo com o espelho frio e impessoal da sua sombra furtiva, que se esfumaça em meio ao temporal...

Sentir você... Sentir você é como se todo o calor do universo nos cobrisse, é como viver um transe de eterna paixão, e de vez em quando, despertar para te olhar mais um pouquinho, e mergulhar fundo em nossas emoções até sucumbir extasiado, maravilhado, realizado por nós mesmos.

Sentir você é como o sol que percorre a relva, embalada pelas nuvens esparsas, que vem e vão, deixando aquele calor morno e gostoso pelo seu corpo, que se espreguiça num espasmo de prazer e lassidão.

Sentir você, beijar você é coabitar um forte desejo de nunca querer mais separar os lábios, com medo de perder aquela vontade louca de querer sempre mais... Beijar... Beijar... Beijar, despertar os anseios e os desejos libertários do inconsciente. Apertar você contra o meu peito, beijar loucamente, tresloucadamente, como um louco que percebe a lucidez da sua imagem num espelho em pedaços, e procura, insandecidamente, os olhos, a boca... Cada parte do corpo, como se fosse a última salvação.

Adorar você é a coisa mais fantástica e inusitada deste mundo. É como a abelha adorando aquela flor que lhe dá o pólen, que lhe oferece um cheiro mais harmonioso e sedoso, que lhe seduz... Sentir você é um desejo enorme de nunca querer se separar. Desunir-se! Romper-se! É sentir a vontade de sorver todo o seu corpo num gole de champanha, e deleitar-se embriagado, entre seus braços... E descobrir-se perdidamente apaixonado até pela nesga do seu olhar, que num gôzo supremo se extasia dolentemente, cheio de ais...

Vórtlan estava completamente perdido. Havia uma mistura de descobertas cósmicas e desejos alienígenas envolvidos em tudo ali. Ele mesmo possuía vontades que estavam sendo reveladas por aquele ser desconhecido. Até que ponto poderia suportar aquela situação? Aquele ser clamava por coisas muito mais profundas do que se podia imaginar.

CAPITULO QUATRO

O homem sente necessidades que somente com novos incentivos pode suplantar tais etapas. E chego a conclusão de que é a loucura, a única saída para se avançar e superar o marasmo que habita esse mundo. Não importa ela como seja colocada na questão. O louco arrisca, o louco tem fé, o louco cria sensações que uma mente sã nem se habilita a chegar. O louco pode sonhar, pode sorrir e cantar quando e onde quiser. O louco pode amar loucamente amando, sem nunca ter que pedir perdão; sem nunca ter que dar satisfação ao mundo, porque beijou esta ou aquela mulher. O louco busca no sentido da vida, a sua razão de ser. O louco é o único que, independente da sua loucura, cria espaços infindos, axiomas que corroboram qualquer existência nefasta, e transformam círculos em mundos, retas em curvas espaciais e curvas ácidas em corações amantes.

A tendência do homem será tecer futuramente, será tecer a sua própria loucura criativa, tramar sua existência dentro de parâmetros néscios para coabitar com o seu próximo, e com ele mesmo. O louco percebe a beleza do vazio escondido nos cantos arredios das almas insólitas. O brilho dos olhos perdidos em espaços ofuscantes que nada levam. O louco introspecta a humildade pálida entre lábios ressequidos à espreita de um beijo furtivo, e, às vezes, não é preciso ser louco para se ver como o amor é cego.

O louco percebe na sutileza de um olhar o devaneio de um beijo. E o louco é o único que sabe, que a sombra de um elefante branco é mais suave e alcança a plenitude extrema, quando o sol está a pino. Mas tudo faz parte de um grande plano divino. É difícil se ter uma idéia do que se propôs essa entidade máxima, ao conceber o Universo. Em primeiro lugar, eu venho de uma escola, que não sei por que motivo, resolveu classificar o homem como ser humano, quando as baratas têm muito mais consciência de suas limitações de sobrevivência do que ele. Se formos analisar os padrões morais do homem, é preferível manter-ser calado, negar a própria essência, a fazer tal denúncia. Mas enfim, enquanto nuvens brancas tomam conta do céu, aspergindo sobre nossas cabeças o brilho fosco e arredio do sol, que se esconde muito além das nossas vontades, tentamos decifrar os segredos dos olhares que já não se justificam por estarem lacrimajantes.

Bendito o dia em que descobri que a morte depende da vida para existir. E tem idiotas que morrem sem o saber... E tem gente que se suicida desconhecendo esse fator. Devíamos gritar, espernear, bradar aos berros para todo mundo ouvir, alto e em bom som: VIVA A VIDA! Geralmente, as pessoas só se lembram de valorizar a vida, quando estão na dependência da morte ou de baixo astral. O cego gostaria de enxergar, o maneta gostaria de tocar as coisas com a ponta dos dedos, saborear as sinuosas curvas femininas com toques mágicos e indescritíveis. O perneta, o que não faria para deleitar-se em longas caminhadas, correr provas estelares, ir além dos cosmos e, por fim, insinuar-se a passos largos, nos meandros da inconstância.

Mas o homem sai porta a fora, impedindo o prosseguimento da realidade... Ou do imaginário? O amor avilta e violenta a derradeira vontade de beijar com paixão.

Quando me vejo perto daqueles lábios sedentos de beijos, carentes de afagos, ardentes de carícias, trôpegos de desejos, trêmulos de ânsias, frêmulos de vontade e serenos de volúpias, me afasto para não loucurar novamente, e cair ensimesmado aos seus pés, no silêncio do seu olhar lampejante. Rebusco na solidão das paredes a sua voz, que ainda restou aprisionada na sombra das trepadeiras que aquecem a minha alma frígida de remorsos. E me pergunto num ricto de indecisão e ódio: porque não soçobrar na loucura, e se aventurar na concupiscência venial? Porque não provocar o desatino de transcender meus temores, e oscular de uma vez para sempre o retrato transparente dela em minha mente insana? Satisfazer

os desejos! Descarrilar as manias e fobias do inconsciente, e se perder na imensidão do Universo!

Depois, açambarcar a eterna vontade de Ser realizado e chora da de alegria.

A compreensão é apenas uma fadiga do amor. O beijo é apenas uma fatia do envolvimento lúdico de uma paixão; é o ocaso de uma desesperança, é o contato frio, gélido de um desamor... é a despedida furtiva de uma lembrança... é uma desventurada passarela.

Quisera, como quisera semear meus dedos em seus cabelos de noite eterna, pernoitar em seu corpo como raízes puras e envolventes, e descobrir-te como nunca, nos meus sonhos e devaneios. Quisera, como quisera que ao erguer meus olhos, descobrisse que estou viajando pelos seus, com a mesma intensidade com que rebusco a minha alma, o âmago do meu ser. Quisera, como quisera que o tempo parasse, no momento em que a sua sombra cobrisse o meu sol, e eu pudesse me extasiar até não restar mais desejo algum dentro de mim...

Quisera, como quisera... Passos efêmeros pernoitam na minha mente... Resquícios de sêmen... A janela semi-aberta transporta pelo ar o seu perfume adocicado e tênue, que vai se esvaindo... Esvaindo...

Esvaindo... Até que só me faz lembrar com saudade dos seus movimentos diáfanos.

Sonhar faz bem a saúde quando a realidade massacra a nossa conveniência passageira. A fuga se faz necessária quando nos sentimos entupidos de fatos que nunca nos levam a nada, e recrudescem a cada momento mais experiências, mais dissabores por todas as partes de nossa vida. São fugazes e quase ínfimos os nossos desejos que, quando os almejamos em demasia, tornam-se furtivos e arredios. Então, abrandamos nossas vontades, e aguardamos o tempo urgir e ceifar nossos desejos pela raiz.

Sonhar é bom.

Ao despertar, enclausurado ainda no desvairio onírico, reluto em abrir os olhos para ver os céus, apascentar a minha sombra na ravina, além do horizonte, onde sol oculto pela caligem, menospreza minha visão.

...Às vezes me encontro num arco íris e me perco inebriado ouvindo vozes que desconheço, e tento pesadelos cotidianos com figuras amorfas oriundas de tempos remotos, que jamais ousei imaginar. E um encontro ocasional se transforma em realidade mútua, que prospera em arroubos de sentimentos, e finalizam em enlances de carícias, beijos e abraços. Depois, o tempo se incube de transformar tudo em cotidiano e criatividade. Inepto seria não aproveitar os sonhos que acontecem durante os temporais, pois, como num átimo, o prazer chega e se esvai em névoa ao amanhecer.

E, inebriado de rotundas imagens que se apossam de mim, confundo as dores de dente com as dores do parto, e parto mundo a fora, enrustido em pensamentos nefandos que terminam em eussemia. E quando acordo não sou mais inubo, forço a porta do meu ser e descubro que já não o sou há muito tempo.

Gostaria de ser mais coercivo com a minha fatalidade, mas não tolero ficar chorando pelo leite derramado, mim idolatrando figuras artrópicas que se aproveitam da maledicência para prosperar. E às vezes me pergunto: Será que o tempo dará uma oportunidade para que os descendentes se encontrem e saiam uma única vez? Interessante quando colorimos nosso destino com matizes que confundem até o vosso fado. Como beber para esquecer o passado ou o presente ou o futuro... Quem sabe?

... Inglorioso é o nosso futuro, pois nunca sabemo-lo quando no presente ou passado, então rebuscamos tresloucados na fuligem da inconsciência, arquétipos pernósticos que nos identifiquemos com nós mesmos. É quando descobrimos a nossa imagem e semelhança com o criador. E não adianta fugirmos nem nos ocultarmos nas sombras dos pesadelos, pois é certo esse fatídico e tardio reencontro no presente, no passado ou quiçá no futuro. E não adianta deitar perfume nas feridas temporais, quando as cicatrizes não se querem fechar. E não adianta verdejar todo o pasto, quando já se está completamente envenenado pelo hálito do érebo. Humano ou intergalático, o que importa são os momentos passados juntos, apenas apoiados na imaginação fértil dos rebanhos que executam uma ejaculatória precoce, em prol dos mitos e deuses, que já morreram adocicados nos lábios da indolência...

Imolar não seria a solução para conspurcar os pecados, mas é necessários deitar-se em berços

esplêndidos, e perder a inocência nos braços malfadados da sorte até o amanhecer. Depois é sonhar... Sonhar... Sonhar até nunca mais e deixar o sol raiar lá pros confins de não sei aonde, delo e fulgurante.

Vortlan se rebelava! Tinha que fugir dali. Aquele Ser já estava ultrapassando os limites da racionalidade. As suas impressões perturbavam-no cada vez mais. Um amontoado de idéias, imagens... Uma confusão alucinante e medonha. Mas ele também sentia bem no seu interior, que também havia vivenciado aquelas emoções quanto estava em Altÿon. Percebia certas semelhanças... Nas revoltas... Nos protestos...

CAPITULO CINCO

Hoje eu realmente transcendi o Universo, e busquei outras formas de vida em outras realidades. Talvez, assim, eu consiga descobrir o que há de bom em você. Quando escrevo sobre nosso compromisso com a existência e com todos os que nos cercam; nossos amigos, nossos inimigos, nossos desafetos, nossos filhos, sinto-me verdadeiramente muito melhor. Por que o amor é uma paixão contínua, por mais que efêmero permanece enclausurado no desejo de querer sempre estar ao seu lado, mesmo que por alguns momentos. O pensamento retrocede e tudo retorna com clareza...

Mas em realidade eu vos digo: Tudo o que fizerdes ao Pai, o farás também a mim. Assim como eu vos criei, ELE também os criará. Com formas confusas e obtusas, para que tudo se confunda no Universo, e não tenhamos tempo de confrontar nossas vidas no momento crucial. Mas, mesmo assim, com toda a simbiose, com toda a confusão existente, eu gostaria de me perder em seu corpo. Não importando até que ponto o ápice de nossos desejos esteja próximo de nossos movimentos, de nossos gestos. O que interessa é o movimento das mãos, do olhar que se perde na escuridão inconstante de nossas pupilas insossas. Mas o que me aflige, não é a solidão que violenta o meu direito de pensar, e sim a necessidade de se sentir só, e ter milhões de vozes co-habitando a minha mente, todas querendo falar, querendo reivindicar direitos, enquanto escrevo. Então, minha consciência já se perdeu há milhões de anos-luz, em línguas estranhas, em idiomas desconhecidos, e eu vivo apenas com o conhecimento da ordem total do Universo. É fácil ter uma consciência universal e compreender a abstração mental.

As pessoas criam dentro de si redomas psicossomáticas, e se implodem loucas de desejos. A verdadeira forma de se entender a solidão seria a compreensão dos quasares. Perambulando por todo o Cosmo em busca de energia transcendental, nas curvas etéreas da inconstância, resto-me apenas como um ente egoísta, que anseia compartilhar de toda a existência juntinho a você. E os sábios arrotam máximas arrogantes, e se esquecem que o tempo passa, e tudo muda. O que é hoje uma vida, amanhã não passará de um vazio inócuo. E lembranças não passam de desculpas fúteis, de um passado insípido. A vulgaridade é obra de filósofos que pervertem a consciência, em prol de mazelas próprias. Seria mais simples o homem viver do seu labor do que construir castelos de areia. Entretanto, é mais interessante fazer axiomas do que alimentar um cego.

Mas, que se danem os cegos e os filósofos! É vital que eu permaneça sóbrio diante do seu olhar embriagador. E quando o seu corpo se contorce numa melodia ímpar, eu me perco na sua sombra, e quando me reencontro, é muito tarde para alcançar os seus lábios sorridentes.

Dispo-me de todos os desejos, e divago entre ânsias e volúpias que sofregam o meu corpo numa luta vulcânica. A minha carnalidade palpita sufocada dentro de suas paredes melífluas e cremosas, e eu me questiono até onde isso tudo vai parar, já que o tempo para mim é exíguo. O prazer é ínfimo quando é inconstante no desejo que se apossa de cada pessoa. Contudo, é infinito quando essa pessoa se abre aos anseios de uma paixão, inerente ou não.

A simbiose do amor é que fortalece a poesia em seu orgasmo final. Reluta-se muito em assumir certas condições de vida, quando não se tem um comportamento analítico da situação. Contudo, quando o indivíduo tem sua identidade, sua condição social, tudo fica mais fácil para o duelo derradeiro. Afinal, a fatalidade faz parte sucessivamente de cada personalidade psicopata. O louco seria um doidivanas, comparado ao lusco-fusco neurótico do seu olhar que perscruta o Universo obcecado por elefantes cor-de-rosa. Mas, o louco consegue flutuar no inconsciente de suas vontades, e o são, permanece calado dentro do seu mutismo, silenciado pela força do pavor que se avoluma, à medida que vai sentindo o desespêro da solidão mental crescendo dentro de si. Mas esse processo de loucura é muito lento. O ideal

é um procedimento mais insano, uma conduta que ultrapasasse o código moral e a ética formal de avaliação humana. Então tudo combinará direitinho dentro dos moldes clínicos (ou quadros?), e a solução é o isolamento externo para uma condição interna, ou vice-versa.

Dizem que qualquer forma de amor vale a pena. Tenho lá minhas dúvidas, pois, em sã consciência, o homem rejeita qualquer forma de amar que vão a clássica posição Papai e Mamãe. De estiver errado, que me escrevam! Da última vez que fiz isso tive que mudar de residência, pois os vizinhos não toleravam o barulho da cama.

Mas o louco tem a sua mania de amar. De modo mais obsessivo, na sua razão de ver as coisas, ele se torna mais plausível ao contato humano, mais amigável ao gesto de aceitação sublime de seu fado. É mais real a sua sublimação mental. É mais sutil na sua realidade. É mais obstinado no seu querer. É mais demente do seu ponto de fuga. É mais coeso com o seu direito de permanecer calado, e qualquer coisa que disser pode incriminá-lo. Tem o direito de dar um telefonema para um parente mais próximo... O advogado será gratuito. O Estado lhe dará um Defensor Público que de maneira questionável, procurará condená-lo de maneira perpetuamente perpétua. Depois desfrutará das regalias que os contribuintes esfomeados deixam para o seu bom lazer durante a sua prisão. Não deixa de ser uma forma de amor. Se formos observar pelo lado de fora (*ou é pelo lado de dentro?*), a casca é mais grossa. Como tudo que a natureza procura defender, a parte externa é altamente grosseira, ríspida, áspera, dura, espessa, como a fachada do homem que se esconde dentro de si mesmo. Mas, quando abrimos, descobrimos que é só emoção. E o que estraga tudo é a insipidez e os gestos vagos dos eternos desencontros que se perdem nos encontros furtivos. Mas mesmo o louco tem direito de amar. Quem lhe tira esse direito, nega-lhe a sua condição de ser. E quando não há mais alternativas, não há mais esperanças, não há mais beijinhos, não há mais adeus, não há mais olhares mudos, não há mais nada a declarar, somos aprisionados por desejos lascivos, e quando a noite morre nos deparamos com o derradeiro calor que emana de nossos corpos, e descobrimos que nunca estivemos a sós.

A mentira é o dom da verdadeira forma de amar. Mas amar, às vezes, não é mais importante que odiar. A mentira está aí; mamãe dizia que quando o homem quer, animal nenhum lança mão. Naturalmente ela podia estar equivocada, pois confundiu mão com pata. A mentira fortalece a verdade enquanto mentira, e distorce o dom da seriedade enquanto falsidade anômala. Mentir às vezes faz bem à saúde e exalta o ego, mas decresce o espírito empreendedor.

O louco não precisa mentir, pois sua irrealidade fantástica prescinde de corroboração. É mais fácil transparecer uma loucura senil do que um beijo perverso e vinil. Pra cada mentira há um caso de desculpas existenciais, que degeneram quase sempre em orgias intelectuais, onde uma ameoba sem causa teria mais importância do que um rebento precoce.

E tardiamente vamos chegando à conclusão de que é preferível uma mentira silenciosa, a uma verdade cheia de caprichos. Infinitas vezes, a morte é precedida de um ritual espúrio e mentiroso, enquanto que a vida é sempre acompanhada de verdades carnavalescas. Mas em verdade eu vos digo, quando mentires a **Mim** também estarás mentindo ao **Pai**, e somente quando estiveres dizendo a verdade ao Irmão é que encontrarás o caminho do céu. Nem uma cópula cerebral assumirá valores de procriação, pois os desejos incubados não proliferam em berços esplêndidos. E a espécie vive em busca da contingência do Elo Perdido. Mesmo que essa procura incansável encontre uma razão de ser, não haverá motivo aparente para uma continuação plausível, pois logo deixou de sê-lo. Não adianta querer sustentar sonhos e quimeras, quando o susto que se leva ao olhar o espelho fá configura um despeito à própria imagem e semelhança do Criador.

E nunca mais queremos nos confrontar com desejos descabidos nem com vontades tresloucadas durante a noite. Quando isso acontece, as opções são muitas, mas nem todas obedecem a um padrão genético, pois cada conduta é individual e conclusiva dentro de si mesma. Um problema, por mais complexo que seja, é solucionado à medida que o pensamento vai adquirindo subsídios adicionados a raiz da questão.

Portanto, não existe menosprezo nem derrota no olhar de um covarde, e sim admiração e respeito nas seqüelas do problema resolvido. Às vezes não importa a solução, e sim os meios impostos que se tornam descabidos e atrozes. Para cada questão há uma maneira de se chegar a um bom termo, sem que para isso seja necessário se violentar. Mas nem por isso poderão achincalhar nem bagunçar o modo de vida de todos, que anseiam por novidades, e se permitem permissividades para viverem eternamente.

E eles não acreditam na eternidade, apenas reforçam seus “modus vivendi”, para depois de maneiras gentis e afeiçoadas, se apossarem do direito de ir e vir em todos os lugares. A importância de eternidade está na liberdade de permanecer ou ficar aqui ou acolá, mesmo que isso inflija as normas da consciência. E, quando se fala em consciência, a profundidade do problema é mais séria do que parece. O atrito oriundo de toda essa problemática seria facilmente detectável, se as soluções fossem mais genéricas e não irracionais nem humanitárias demais. Por isso, é que quando o homem sai porta a fora e se perde no mundo, acabou-se tudo. Mas eu nego! Mas eu digo que não. O princípio é não estabelecer regras nem visões doentias de doidivas celerados.

E a dor de cabeça que sentimos é uma explosão de luzes e fogos de artifícios em nossas mentes, mas seria mais fácil se, após todas essas dores, houvesse algo construtivo, como se nossa mente nos vislumbrasse uma nova visão do Universo. É triste e lamentável o retrocesso que acontece quando o homem sente dor. Volta às raízes.

E há dois mil decênios que busco uma maneira de aliviar a minha dor de cabeça, mas só encontro alívio quando me projeto nos quasares e me torno UNO no espaço infinito. A dor quando é controlada, deixa o corpo flutuar no nada preenchido de formas amorfas. Então podemos perceber o quanto é simplório a nossa conformação. Nossos átomos se mesclam com a força dos cosmos, e a nossa mente obedece apenas às vontades latentes em nosso ser. A dor, quando não é sentida de maneira masoca nem de modo sádico, eleva o nosso espírito a planos astrais divinos. E acalma os espasmos góticos de nossas lembranças. Mas sentir dor não faz bem. A dor ocasiona uma comoção cerebral que, se não controlada, advém como consequência um ataque mortal. E então tudo se deteriora, tudo se desmorona, tudo se liquefaz, tudo se perde no tempo.

Como o homem nunca estabeleceu um sentido maior da vida, a morte é a única e absoluta como fim em si mesma. Sua consciência cósmica não ultrapassa além do muro de seu vizinho. Afinal, ele não possui consciência cósmica, nem consciência coletiva, e raríssimos possuem uma visão ampla de toda a plenitude do Universo. E o sentimento se torna mais racional dentro de uma racionalidade egocêntrica, que é incompreensível para o homem em si, que apenas sente os prazeres imediatos, quando o orgasmo que se tem num átimo de tempo transpõe todas as barreiras do infinito. Depois, o negror consciente que habita, é apenas o êxtase perene de um descanso merecido.

Às vezes o homem tenta fazer mil loucuras, mas não percebe que a natureza é contra.

Mas, destas loucuras todas, o pecado é a coisa mais gostosa que existe. Os anjos e arcanjos temem-no, mais eu a própria vida. Gozado eu falando em vida, quando o pecado os leva ao princípio da morte. Mas pecar é tão bom, pecar é tão benéfico, pecar é tão extasiante, pecar é tão gratificante. Pecar nos leva aos céus. E acreditar que há pessoas que morrem de medo de pecar, quando em realidade apenas ignoram o bom sentido peccativo. Quando se está em pecado, mergulha-se num turbilhão de sensações estranhas e adstringentes. Não se possibilita a ninguém ficar esperando o ocaso dos acontecimentos. E a consequência é um constante alerta dos sentidos, para o prazer que advém em ondas até o ápice do gozo. É doce e suave o beijar de seus lábios melífluos e ingênuos. Solitário e pernicioso é permanecer à espera de um abraço, quando todos os olhares se dispersam no silêncio de seu olhar... e reacender antigas recordações, é uma forma de estar em constante pecado.

E eu acho que o sentimento é uma fuga determinada. As pessoas confundem sentimentos reais com sensações momentâneas, e comumente ocorre um desequilíbrio e uma confusão danada. Loucura é a maneira com que, sentimentalmente, todo mundo procura apaziguar seus ânimos. Geralmente se ocultam

debaixo de sentimentos escusos e transformam amizades em complôs. O sentimento sempre está em primeiro lugar numa amizade. E tudo vai por água abaixo na menor infidelidade ocorrida. A falta de segurança e o desinteresse fazem com que tudo se transforme em desilusões, até se chegar ao descasa, ao desapontamento e ao vazio íntimo do olhar. E a solidão transforma idéias vazias em substanciosas tendências de odiar. E os modos, as maneiras, as formas de se utilizar tais pensamentos existem de montão. E a aplicação é a mais sutilmente aplicada possível. E sem nunca estabelecer um padrão objetivo e contundente. Quando se odeia, não existe outra maneira de demonstrar o ódio sem se fazer o mal. O bem e o mal se correspondem como forças intrínsecas. Uma sente a necessidade da outra correlatamente, sentimentalmente ou humanamente. Ignorar um é pressentir a presença do outro e assim vice-versa. A dualidade entre um e outro é genérica em outros casos, comumente. Não há concessão entre as partes. O amor que emana de uma pessoa é correspondido unilateralmente por outra de maneira equívoca, pois seu comprometimento em relação à proposta anterior não é, às vezes, justificada pelos mesmos anseios de outrem. Isso quer dizer que equivale a dois pesos e uma medida.

No eqüidistante comportamento humano, as figuras se transformam em complexos e pedantes adornos, desestruturados pelo simbolismo caótico da incompreensão dos valores. Mas nem tudo parece estar perdido, quando somente as lágrimas podem suavizar o rosto duro e cruel de um assassino. E o que parecia ser amargo e insosso por dentro, engana até o mais hábil perito em exobiologia. O que vale, em si, é a reação psicossomática revestida de carisma de um líder nato, quando exata o caráter sofismático de um filósofo ou arrota banalidades carentes de objetividade, e todo mundo baba em delírio. A falta de líder transforma um país, num verdadeiro caos. O que ontem foi um mandamento, hoje não passa de lixo. E todo lixo é reciclado, e de repente, descobre-se que aquele mandamento, aquele texto tão conciso, tão cheio de valores morais e virtuais não passa de uma mescla pastosa, que se destina ao verdadeiro limpabundas, ou seja, papel higiênico. E, quando o país está em caos, os lunáticos tomam o poder. E um lunático no poder é o mesmo que uma bomba atômica nas mãos de uma criança.

E o Senhor na sua infinita bondade a tudo permite como experiência, enquanto não convoca as forças universais para mudar os desejos insanos do homem. E de vez em quando, Ele adere à brincadeira, e dá dons místicos à plebe ignara. Depois, senta-se à espera dos acontecimentos. Geralmente decepciona-se. Geralmente não encontra alternativa. Geralmente se deixa levar pelo pessimismo. Geralmente se enclausura envergonhado pelo desperdício, e percebe quão venial e vulgar estava sendo, ao admitir erros e fracassos. Geralmente chega à conclusão de que sua obra é um fracasso total como continuidade da espécie. Geralmente nem busca permutar valores, pois nada pode conceder sem prejudicar a imortalidade da alma. Geralmente acoberta a devassidão do espírito, cultivando lendas e fantasias na mente do homem, para que ele viva de esperanças, ânsias e volúpias. Geralmente ele pensa em acabar com tudo, mas acredita sempre numa melhoria, e por isso dá tempo ao tempo e assim passam-se milênios... Geralmente Ele participa do Egocentrismo universal em busca da paz celestial.

CÉUS! Suportar tais pensamentos, tal afronta às suas profundas convicções ia muito além do limite de suas forças. Não podia simplesmente ludibriar, ou esquecer suas ideologias, e se abandonar àquelas idéias que invadiam de forma desequilibrada a sua consciência. Mas não conseguia reagir como deveria aquela mente alienígena!

CAPITULO SEIS

Das possibilidades do milagre...

O poeta ensandecido pela poluição visual se esconde nos sonhos de ostracismo. Só não decapita as palavras porque é delas que sobrevive. E seria inóspito de sua parte rimar sua morte com acidez dos pensamentos. Então permanece irresoluto, esperando acontecer como todo mundo, e torna-se parte comum do cotidiano e se torna um eterno alvorecer. Descontínuo somente por causa do vagido beligerante de agorinha mesmo. Mas nem tudo é perdição quando as prosas e os versos se metrificam na insolência da vida. E tudo é poesia no instante final da gota de orvalho. Quando o limite da realidade se confronta com a eterna juventude do vir-a-ser, a própria natureza pródiga de surpresas não esconde um desconforto momentâneo do acaso vindouro.

E o grito intermitente, que provoca as sensações mais estranhas ao ouvido, muta-se. E o silêncio é mais apavorante, pois, em realidade, todos os ruídos, equidistantes ou não, transforma o que era um mero chiado numa melodia infernal e inconsciente. E a memória não passa de um coletor de refugos excretorais.

Não se pode pregar uma mentira quando todo mundo sabe que a verdade é uma coisa séria. Sério, seria o conceito da mentira. Afinal, o que possivelmente é mentira para um não passa de uma verdade para outros, e o que é verdade para um homem, não passa de uma deslavada mentira para uma mulher. E mesmo que os dois conceitos se justaponham, permanecerão surreais, enigmáticos e por demais antagônicos. Aos olhos de cada um, a natureza se traveste de maneiras diferentes, e por causa e efeito dessa variação antropomórfica é que o universo se modifica, se reestrutura permanentemente. Recicla-se invariavelmente a cada dois decênios. Se houvesse uma estabilidade conceitual, a eternidade seria possível, num abrir e fechar de olhos.

O dualismo mágico existente frustra até ao maior ser superior das galáxias. Não consegue entender como criaturas que se consideram inteligentes se deixam levar por tantas mesquinhas, arrogâncias e sentimentos esdrúxulos e por demais estapafúrdios até para eles mesmos.

Em si, é uma síntese da mediocridade. Constrói um mundo de coisas, fazem leis e depois defecam em cima de tudo que fizeram sem o menor amor, sem o menor afeto. Um círculo vicioso, que se não for corrigido, acabará com a raça humana em pouco tempo. Mas ele já percebeu isso, há muito e muito tempo.

Ao homem, falta-lhe o senso do ridículo.

Por mais que a corda lhe aperte o pescoço, mais acredita na possibilidade do milagre. E por incrível que pareça, por uma razão desconhecida, sempre consegue se safar do garroteamento. E, sem pensar muito, parte para outra tragédia. E quando principia a compreender a razão de ser da sua vida, já está à beira da morte. Comumente, não existe filósofo na juventude, nem nunca existirá enquanto não se aprender a exobiologia passiva. Onde cada um é fruto de outrem e todos são partes de um Tudo. O amor é parte inerente desse crescimento, não importando como seja aplicado. A lógica do envolvimento sexual possibilita um melhor entrosamento cerebral entre os seres humanos. O calor que emana fortalece a aura cósmica de cada ente, e por si só, revigora a energia dos quasares, que em troca equilibram os Cosmos. E quando anoitece? Quando anoitece, o dia se entrega aos desvarios insanos dos ventos quentes que vêm do esquecimento e tudo se transforma. E começa tudo novamente, tal como no princípio.

Gostaria de apascentar meu ser nestas tetas tão macias como nuvens de verão. E saciar a minha sede nessa boca pequena e aconchegante, sorvendo a sua saliva como vinho inebriante, e depois, gozar

prazeres cheios de pequenos ais com uma sensualidade alucinante, e me perpetuar no seu corpo repleto de pecados...

Gostaria de eternizar entre os meus dedos, seus cabelos que se confundem com a noite morna, e percorrer minha língua ávida de ansejos por caminhos diferentes e recheados de frêmitos gemidos, até o regaço negro e viçoso, e me perder nesta noite eterna, entre o gozo floreado de tremores lascivos e a languidez mórbida de suas pernas perdidas no amanhã, e não sucumbir jamais, sem antes morder suavemente seus seios túmidos, que aspergem néctar entre meus lábios sôfregos e tarados... E depois... E depois nossas línguas se falando, e num mesmo idioma, nossos corpos se encontrando na mesma falésia, nossas mãos se procurando num eterno desencontro e nossos sexos gritantes se aprofundando nos confins do Universo, insaciáveis e angustiantes até o ocaso.

E o orgasmo vem chegando lentamente, profundamente, infinitamente lerdo e, quando vai se aproximando do sol, as estrelas se tornam diminutas por causa da claridade ofuscante. E o calor insano se torna energia pura, e, numa exaltação perene, cheia de noites estelares e quasares perdidos no infinito, o sêmem jorrado, como um cometa vagabundo, nos peitos como um regato entre montanhas, no umbigo coevo e mudo e em toda a extensão de seu corpo parco. Depois de selado o pacto e o descanso merecido, tudo recomeça poeticamente.

Você me toma em suas mãos lânguidas, me oferece seus lábios carnudos, gentis e sedosos, e eu me perco na imaginação, me confundo em minha mente, me contorço de espasmos e novos ais, e novamente vou sucumbindo na inconstância das coisas ao meu redor, até não poder mais. Então, você cavalga em mim, como há muito não tenho idéia. E lambo seu suor salgado de mar e sufoco seus lábios nos meus, descobrindo novos fôlegos alentosos, e sussurro soluços inconfessáveis ao seu ouvido e, enquanto você escoiceia a montaria, partimos assim pela estrada do além, até nunca mais... E novamente...

E quando anoitece?

Quando anoitece é que o pensamento fica turvo e as lembranças restam perdidas nas memórias do tempo. Incontáveis tremores percorrem o meu corpo das últimas conseqüências e me vejo perdido na ambigüidade da existência. É quando anoitece que minhas idéias se recobram do desconforto diário e se tornam mais dinâmicas e mais fantásticas.

Se a primeira impressão é a que fica devemos então mudar a maneira de pensar. Pois quando se trata de sentimentos temos de permanecer inalteráveis. Se bem que normalmente tudo se encaixe perfeitamente dentro de uma razão de ser. Eu, pessoalmente, comigo mesmo, egoistegocêntrico como sou, sem estabelecer nenhum parâmetro qualitativo nem quantitativo nem paliativo nem relativo nem reflexivo nem introspectivo nem seletivo nem negativo nem apelativo nem extorsivo nem de uma maneira ou de outra, me torno o centro das coisas, dentro do contexto estrutural do conhecimento dos padrões humanos.

Afinal, não é à toa que a cobra engole o sapo.

A esperteza é regra básica para toda a humanidade, só vivem maus pedaços quem rói o osso, quem suga o sangue até o fim, quem se esquece de levantar e dorme noites infindas, quem breca o carro além da curva, quem anoitece antes de prevaricar (?), quem esvazia o cálice antes do brinde, quem morre antes de viver, quem padece antes de se medicar, quem engole antes de mastigar, quem se tortura antes de ser feliz, quem acredita na vida antes de crer em si mesmo, quem sorri sem nunca ter sofrido, quem passa uma metade da vida se lastimando e a outra metade se lamentando, quem se desespera sem nunca ter esperança, quem acredita no azar sem pensar na sorte, quem cai sem antes tropeçar, quem pensa em ir sem antes ter ido, quem beija sem antes ter acariciado, quem embriaga sem nunca ter bebido, quem fica banguela sem nunca ter mordido...

Enfim, só é feliz quem se aproveitou de tudo e nunca se esqueceu da (o) parceira (o). São de suma importância esses detalhes (os parênteses é que determinam as finalidades intrínsecas e as prerrogativas sexuais), pois só ao homem é dado pensar tantas besteiras sem a mínima compostura.

E o mínimo que se pode esperar de alguém é um pouco de senso crítico. Mas, em verdade, é muito difícil

se falar em mínimo, quando o nosso próprio sistema planetário é ínfimo na grandeza do Universo. Mas não vai ser só por causa disso que o homem vai sair por aí a fora, esfaqueando e atirando em tudo que se mexer. Há muito maior nos padrões do mínimo, do que na grandiosidade do Universo. Ninguém nasceu aqui porque quis e o interessante é que todo mundo sabe disso, mas continuam negando. Desde o princípio, quando o homem ainda nem sabia o que fazer com as mãos e os pés enlouqueceu ao perceber seu reflexo na água. Enlouquecer não é bem o termo certo, mas, como ele também não sabia se expressar, ficou escrito nos anais do tempo com esse tom. O desconhecido é algo apavorante. Pode-se conhecer toda a razão do Ser, mas nunca a extensão do desconhecido. A surpresa e o êxtase estão na maneira de encarar o negro, sem muito alarde ou quaisquer jactâncias. O pobre coitado do homem teme a sua própria sombra. E aí, caímos na velha história do valente guerreiro e do covarde. Dá para acreditar que o valente seja talvez, por acaso, um maníaco depressivo. É, pois com toda essa valentia tem que possuir um trauma, uma doença mental, um cérebro de noz, uma doentia superioridade, uma mente possessiva, uma deficiência qualquer um ego perdido, em complexo pseudo-emotivo. E o covarde? Bem, o covarde se resguarda sempre da tempestade, e espera a calmaria de tempos melhores para se tornar herói. Preserva-se em si mesmo para uma oportunidade mais propícia poder golpear astuciosamente pelas costas. Se a vítima não percebe quem o golpeou, acreditará na fatalidade, e, se por acaso vir o algoz, não o acreditará tão covarde por tê-lo atacado.

É muito sutil ser covarde ou herói em determinadas situações. Acredito que o homem em si, não é covarde ou herói por que quer. Devem existir motivos vários para que haja desse modo. Acho que tudo não passa de uma questão de oportunidade. O oportunista aproveita-se das situações para se prevalecer do momento. Quando todo mundo está basbaque, ei-lo, que surge, confiante e auto-suficiente para o que der e vier. Pronto para traçar desde a menina moça até a velhota de 105 anos. Pois dizem que o sexo feminino nunca enruga; o resto do corpo vira pelanca, mas ela está sempre nova e sempre pronta para o acasalamento, ou melhor, para o ato votivo, ou melhor, para começo, ou melhor, para meteção, ou melhor, para a procriação, ou melhor, para a fudeção, ou melhor, para se juntar mijador com mijador, ou melhor, depois que o tempo já se tornou sem esperança e todas as probabilidades se esfumaçaram e o desejo ainda permaneceu, partir para as amantes (as mãos), e com elas saciar-se num escuro qualquer sonhando com a mulher mais bonita ou a aventura mais recente. Assim é a vida...

É difícil dormir quando não se tem pensamentos passados, nem memórias para se dar um riso qualquer; mesmo quando todas as lembranças se perderam num turbilhão de recordações, num canto da cotovia, nem com o choro de uma criança nem com o ladrar de um cachorro que apenas quer carinho. O tempo consome todas as nossas mais íntimas vontades, pois quando queremos pernoitar com as mais dóceis lembranças, só nos resta o gosto ácido de uma derrota e o suor amargo que desfia sobre nosso rosto, levando dor, desespero e silêncio.

Ficamos sentindo aquele vazio execrável que violenta o nosso ser deixando a nossa alma por um fio da existência.

E quando descobrimos a nossa vontade de viver, tudo se rompe com uma represa e nos inunda intempestivamente, não nos dando tempo de refletir. É sempre assim. Quando as coisas nos acontecem, ou nos vem aos poucos, em pingadinhos ou então se transforma numa avalanche que nos é impossível conter. A derrota ou o sucesso, a vida ou a morte, o beijo ou o cuspe na cara. Nada chega comedido quando nos é dado por merecimento. O homem, quando faz amor, acaricia, faz afagos e vai logo penetrando. A mulher, quando faz amor, nunca espera o homem pra gozar, e goza duas, três vezes ou mais. Mas isso faz parte da sua sexualidade. Enquanto o infeliz gorgoleja suores de tensão, despojando a sua carnalidade dentro da mulher para ter um espasmo, a fêmea solta soluços de gozos e deleites. Mas antes assim do que o contrário.

Não quero ficar agora discutindo sexualidade de ninguém. O importante mesmo é saber que no momento exato tudo deve acontecer, sem complexos nem manias, nem fobias, nem nada. O importante é ter muito

amor para dar, muito carinho para acariciar, muita vontade de trocar afagos e muito ânimo para não se afogar em lembranças passadas e pôr tudo a perder. Pois, tanto no homem como a na mulher, isso tem muito a ver. E as comparações de aventuras anteriores, às vezes, buscam ser mais fortes que a do momento.

E o que poderia ser uma descoberta se torna um pesadelo...E todo o tesão some, se esvai pelo esgoto!

Vortlan estava impassível! Poderia suportar ataques ferrenhos dos maharnóides, pois sabia onde se encontravam, como se comportavam, e reagiria de acordo, mas naquele exato momento, perdido num emaranhado de emoções e sentimentos, gostaria de embater uma fuga dali, mas sentia-se preso, enclausurado numa existência totalmente surreal: entre as suas lembranças e as daquele ser completamente doidivasas... O que poderia fazer?

CAPITULO SETE

Dizem que a mulher, pra ser um espanto, tem que ser muito boa. Eu, por mim, tenho cá meus motivos para ficar quietinho no meu canto. Não digo sim nem não, muito pelo contrário. Afinal, Deus, na sua infinita bondade, dá carne moída para se comer de palitinho a quem tem fome, e regala com pernis e outras iguarias a quem já está saciado. Assim é a vida, assim é o destino das coisas.

E quando se pergunta porque a Igreja prega a pobreza e vive coberta de ouro, é só questionar suas raízes. Será que Pedro, ao lançar a pedra fundamental da primeira igreja, não descobriu uma mina de ouro? Será que as catacumbas em que os católicos se escondiam não eram um filão oculto? E que os católicos que pereceram nas arenas, que viraram comidas de leão e foram figuras principais nos festins eram apenas fantoches ou bodes expiatórios de uma estrutura montada bem no fundo do cristianismo? A exemplo da Igreja, temos outras religiões que são ramificações da católica e que, de uma maneira ou de outra, têm o mesmo quinhão monetário e vivem pregando acintosamente a pobreza, a divisão dos bens, mas a porcentagem maior fica sempre com a Igreja, ou sinagoga, ou... Seja lá o que for.

Afinal, quando se fala da massa humana do povo ignorante e tacanho que mal sabe que nasceu, que mal sabe soletrar seu próprio nome, que mal sabe pensar direito, se tem uma desculpa. A religião influencia e fanatiza mais que a política e o poder. Enquanto a política e o poder fazem demagogia com um prato de comida, a religião dá alimento. Enquanto política e o poder antagonizam a miséria, a religião dá a cobertura para o frio. Enquanto a política e o poder sugam e violentam o homem mísero, a religião o acolhe com rezas e promessas de vida eterna. O lado positivo da política é que o povo acredita em dias felizes, quando na realidade cada dia que se passa mais aumentam as suas necessidades primordiais. A política e o poder tolhem seus direitos de cidadão, cerceiam sua liberdade de ir-e-vir, proíbem-no de trabalhar condignamente, impedem-no de levar para casa uma comida decente, impingindo-o ao desespero, à loucura, à vadiagem, à vagabundagem, ao roubo, ao assassinato, e depois o prendem como marginal, extirpando-o assim como paria social.

E onde entra a religião? O lado positivo da religião é que ela aproveita o fiasco, o fracasso, a indisplacência, o pouco caso, a covardia deliberada, o caos, o descrédito, a morbidez e a falta de consciência da política e do poder, e faz o seu pé-de-meia. Onde há um governo derrotado e pusilânime, a religião está forte e cheia de idéias. Onde há um povo esfomeado e cheio de esperança, lá está a religião reconfortante e acolhedora. Onde há um homem desempregado e à beira do suicídio, a religião lá se encontra de portas abertas para um conselho e uma posição social.

Mas a religião, seita, culto ou crença que pratica isso tudo não é oportunista nem urubu em cima da carniça não; apenas aproveita a brecha deixada pela política e o poder, e cai sobre o povo com tudo o que possui, e com promessas e oportunidades.. E quem está com razão? Quem pode se julgar errado, quando as necessidades importantes de sobrevivência são deixadas de lado em prol de uma política corrupta cheia de interesses e de um poder faccioso? O que importa ao povo é comida e morada decente. A religião é a resposta aos questionamentos espirituais e emocionais. Enquanto a política e o poder colocam o povo na prancha e os deixam aos tubarões, as religiões, as seitas, as crenças, os cultos se aproximam com a pedra da salvação, e com botes salva vidas, vão recolhendo os despojos humanos e fazendo a cabeça de cada um aos trancos e barrancos.

E depois não tem mais jeito. Entrou, entrou; para sair, só deixando tudo o que possui. E com razão. Quem dá, aos pobres empresta. E depois só vão recebendo com juro e correção monetária: os dízimos, as prendas, os ázimos da vida, que não passam somente de uma cobrança das religiões ao povo descrente, que se alimentam de fé e da esperança pela vida eterna. Enquanto a política e o poder lhes tiram o

dinheiro através de impostos sem lhes dar nada, causando revolta e descontentamento, as religiões procedem da mesma maneira, mas aplicam a persuasão e o triunfo de só através delas se chegar ao reino eterno.

Enquanto houver Deus no céu, urubu não come couve.

Vortlan estava estupefato. Porque tudo tinha que ser assim? Tanto questionamento, tantas interrogações? Porque tantos desafios? Porque tanta rebeldia dentro daquele Ser? Não tinha havido ainda um instante sequer de candura... de carinho. Só existiam mágoas, sofrimentos... Nenhuma réstia de esperança? Será que em todos os seres daquele mundo não existia um pouco de paz? Harmonia? Felicidade?

CAPITULO OITO

A inversatilidade da inversão não é inversa porque o inverso do avesso é invertido à medida que se propõe situação de inversabilidade.

É o cúmulo falarmos de inversos, quando o Universo paralelo nos restringe a pequenos espaços intemporais do avesso. E o tempo sucumbe às primazias e mazelas de tudo o que é invertido dentro da extemporalidade equinocial das situações melindrosas. E quando a gente se projeta no espelho e nosso reflexo não inverte os maneirismos, mas apenas aumentam os trajeitos, então nos equilibramos no silêncio estático das manobras aleatórias de nossas sombras contra os muros da vida.

Mas, quando se fala em inversão, não devemos esquecer que a sorte faz parte da inversatilidade humana. Ela nunca surge nos momentos propícios de quem precisa, e sim o inverso. Quem já tem muito, mais possui. E eu fico me questionando porque o Senhor na sua infinita bondade, nunca me bafejou com uma réstia de sorte, nunca escarrou sobre mim uma nesga de esperança monetária, nunca conspurcou sobre meus pensamentos números benditos do jogo semanal. Nunca cuspiu em meu rosto um erário maior além das minhas necessidades. E, às vezes, eu me indago porquê ainda tenho fé cega no meu destino. Pra muitos, as esperanças já se perderam nos idos de antigamente. Pra outros, só ficou o gosto amargo da derrota e dos credores à porta. E eu ainda acredito no insólito fado do meu mundo, onde apenas numa questão de oportunidade coloquial, tudo se ajustará e se realizará a contento. A meu ver, é quase uma piada de otimista e pessimista. O pessimista ganha um saco de areia e fica questionando suposições absurdas e negativas, enquanto o otimista, apenas com um palito de fósforo gasto, imagina que ganhou uma floresta. E, é quando acontece genericamente o inverso do avesso. Para quem nunca teve uma carta marcada como eu, onde apenas a existência trabalha rente ao muro da sobrevivência, o que vier é lucro certo. Dessa maneira, quando proponho situações de inversalidade aparente, gasto o que não posso para regenerar o problema drástico, me confundo em contradições de alternâncias logísticas. Pobre de mim, que procuro com poucos recursos acalentar sonhos e quimeras de impossíveis realizações. E no momento em que a realidade torna-se mais forte, quando a fome aperta mais para o lado mais fraca, as necessidades ficam mais prementes e as esperanças já sucumbiram numa lata de lixo, começo a perceber quão sórdido é o meu papel.

O mistério da fé, o mistério da Santíssima Trindade, o mistério da virgem Maria, o mistério da aliança do bem e do mal, o mistério da concepção de Cristo, o mistério do crime que nunca aconteceu. Mistério da sorte que beneficia a todos menos a mim, mísero mortal. Mas talvez, eu não seja tão mísero mortal assim. A saga de minha vida é um corolário de dúvidas existenciais, que suponho eu, implicam outros tantos mistérios. Mas, supondo que participando de todos os mistérios, deve haver ou haverá de algum modo uma réstia de esperança no fim do túnel, quiçá uma recompensa. A minha impaciência humana não me permite tanta demora, pois a minha vida se esvai aos poucos. E gostaria de aproveitar do bom e do melhor antes de partir para outras realidades. Gostaria de desfrutar das delícias do jardim de Alá, antes de pernoitar em albergues desconhecidos. Gostaria de gozar das supimpezas terrenas antes de virar pó. Mas antes de tudo, que aconteça agora, imediatamente, enquanto estou lúcido de idéias, enquanto ainda estou na tenra idade da razão, enquanto ainda estou jovem e potente, enquanto ainda busco fantasias no cotidiano, enquanto ainda acredito na eternidade, porque depois não me interessa mais. Quando me tornar velho e alquebrado, o mundo irá se aproveitar de mim; irá sugar toda a minha inteligência e arrotar no meu rosto que já estou velho e acabado, e que o meu tempo já era, sem nenhum pudor ou descaramento. Mesmo que tenha toda uma eternidade pela frente, a minha loucura, a minha insanidade não ficará lúcida para sempre. Gostaria de inverter essa situação, de sobremaneira que o avesso experimentasse todo esse

dissabor de permanecer ignorado pelos bafejos da sorte.

E o homem parte mundo a fora em busca da sorte. Sofre as agruras do tempo, luta por um lugar melhor ao sol e se descobre albino. Que o sol o tortura, o sacrifica, o martiriza; então retorna ao lar, ensimesmado, e deixa o pensamento correr frouxo por aventuras mil. E até descobre que a sorte não é tudo, quando não se tem felicidade.

Mas sorte é sobejos de sacrifícios; felicidade é conseqüência. Logo deduzo que, é necessário uma dose muito grande de dores, sofrimentos e derradeiras lágrimas, para depois vir a felicidade, a abundância, a fartura. Pois bem... mas como sabemos o quanto que já sofremos bastante?

Logicamente que não existe nenhuma lógica nas redundâncias dos pulsares, nem envolvimento pragmático nas escolhas cabalísticas dos número da sorte. Há sim, um entrosamento aurísticoentre a síntese da razão pura e a sínteseda gnóstica razão prática.

Por mim, não ficaria muito preocupado se a sorte começasse a sorrir para o meu lado, e eu pudesse corresponder a esses laivos rompantes. Mas, antes que a idade refute a minha razão de ser, permaneceria por um bom século às expensas de desejos proibidos e perdulários. Depois seriam outras vontades a discutir. Mas, por mais que interfiramos nos contrários, as situações se invertem tresloucadamente, e então fugimos contristados para dentro de nós mesmos, buscando o resquício insípido da solidão vulgar. E o avesso disso tudo seria o contrário dissoluto da surrealidade com que plantamos nossos sonhos e nossas vontades. Mas permanecer calado diante de tanta injustiça, é compactuar com o descalabro com que se sorteiam as tómbolas do universo; e depois é ficar a espera de que, no cair da noite, por debaixo do pano, sobre algo para todos nós.

E, eu me resto com aquela acidez cadavérica, cheio de espasmos e contorções nauseabundas, só por causa de irregularidades das quais não participei. Mas, quando a consciência não está limpa, o sono não existe como descanso, e sim apenas como a desinência consubstancial de um terrível e fatídico pesadelo. Tardiamente descobrimos que a sorte é ambígua e inconstantemente prolixa.

Eu não exijo muito do meu fado, apenas a certeza absoluta de que estou no caminho divinamente correto, pois senão tiver um objetivo, os caminhos para mim serão meros caprichos geológicos, e tudo obedecerá aos interesses essenciais e puramente imediatistas para a minha sobrevivência.

Nada de precipitação quando se tem a consciência da certeza e a honestidade da recompensa. É até interessante quando se pressupõe a criação de novos valores que se aglutinam a nova realidade. E os novos problemas que acontecem no reverso das situações, implica toda a consciência numa avassaladora tragédia.

Afinal, porque devemosnos preocupar com o que passou quando o nosso presente ainda se ressentir das necessidades mais prementes de agorinha pouco? É tão difícil se acostumar com novos sentimentos quando não estamos preparados para assumi-los assim, de imediato. É tudo tão confuso, tão esdrúxulo a espontaneidade que irrompe de nossas mentes, e até a simplicidade do olhar se torna tímido e o sorriso sereno.

E começa um novo ciclo, e principia um novo começo e se inicia uma nova aventura.

Verdadeiramente, Vortlan percebia que aquele alienígena não tinha nada de diferente dele. Buscavam os mesmos valores, possuíam as mesmas ânsias e desejos... os derradeiros sonhos; viviam também em constantes expectativas...

CAPITULO NOVE

A proximidade coloquial de determinados diálogos proporcionam e sugerem ao homem cometer determinadas situações insólitas de inconveniências. E da loucura para o delírio, é mero acaso de possessão emocional. A partir do momento em que se encontram, se deparam, se confrontam, se aproximam momentaneamente, num lampejo as possibilidades do desastre se tornam mais viáveis, mais evidentes, e nada impede que hajam desencantos na vida individual de cada um. Os rompimentos, indubitavelmente refletem refluxos refluentes reflexivos que terminam em melancolia! E os olhares quando se voltam, já são compromissados com seus comportamentos fugidios e passageiros, mesmo nos momentos de maior aceitação mútua.

Apesar de se perceber que os desencantos do cotidiano não fazem parte dos mistérios da vida, paralelamente uma outra realidade, com encantos mil floresce a cada segundo.

De tempos em tempos, a natureza tenta se modificar para melhor. Modifica-se dentro do seu próprio exoecossistema, se reestrutura e mantém-se estabilizada. E uma outra transformação acontece na medida em que o homem cresce e vai desestabilizando seu próprio habitat, criando para si uma armadilha mortal. A fatalidade é o espectro crucial do seu trabalho de destruição, e perece instantaneamente, quando deveria permanecer por mais algum tempo, além dos séculos. A tragédia acontece em consequência da proximidade coloquial do homem com a natureza e o Criador. Não existe uma intimidade muito coesa nem harmoniosa entre essa Tríade. Para dizer a verdade, o que aconteceu foi um simples pacto que partiu da relutância do homem em não querer favores, e nem a natureza em favorece-lo. Nesse conflito, apenas o Criador manteve-se alheio a toda essa situação deixando-a acontecer; e a história participou sem o ciclo vicioso, e nunca se repetiu de maneira idealista. No entendimento conceitual e alternativo ou filosófico, a união entre as partes criou uma carnalidade simbiótica, que simplificou a existência.

E o homem vez ou outra, faz uma das dele. Como se considera a obra prima do Criador, considera a natureza apenas subserviente, e se esquece dos compromissos assumidos no passado. A natureza, então, para ser lembrada, convulsiona fenômenos temporais e ninguém mais a esquece.

No final, tudo se equipara voluntariamente, e depois que a própria tragédia termina todo mundo começa a pensar com mais calma, e percebem que o mundo, a natureza, o Criador não são tão cruéis e vingativos como se lhes apresentam.

E o sonho é uma réstia de esperança nas perdas esperanças do homem.

E quando tudo está realmente perdido, surge de algum lugar uma proposta tentadora, e a recompensa, apesar de tardia, reconforta. Dentro dos preceitos universais, a natureza não alija nenhuma criatura quando não é agredida. E, mesmo ocorrendo, como comumente acontece, a ferida com o tempo é sanada com o esquecimento. E os dias por demais cansativos e estafantes, se tornam benevolentes ao físico e a alma.

E o sonho é um alento quando os pesadelos e delírios do cotidiano são um peso na consciência.

A inconstância do eterno amanhecer, transforma o amanhã enclausurado em perdas esperanças, num reviver de rebrilhos senis e alegrias tresloucadas de desejos. O despertar do mágico, o renascer da esperança, o eterno vir-a-ser do homem que permanece em pecado e implora vida eterna, contudo, sem esperanças na vida; o recaminhar por novos caminhos perdidos nos confins das lembranças, é o aval do infortúnio que teceu entre a morte e o libelo, já corrompido por mãos sujas e nepóticas. Seria tudo mais fácil se a compreensão das palavras, o entendimento dos sentimentos, o acariciar dos olhos, o roçar dos beijos, o toque dos dedos, o contato sutil das mãos, o afagar carinhoso dos cabelos, o ouvir mudo das sílabas, o silêncio carente da solidão e o destêrro insípido e forçado de nossas mentes, não fossem tão

obsecadamente forçados às situações da vida; não fossem tão neuróticamente exigindo reparação dos erros humanos, não fossem tão despoticamente impingindo valores sobre torturas, não fossem tão néscios a ponto de subverter o prazer de viver pela negação de si mesmo, não fossem o tiro no escuro que perpetra o final de qualquer um; a vida seria bem mais fácil de se viver. A solidão que acoberta o grito preso na garganta leva o homem a cometer loucuras.

Sua exaltação de poder é fanatismo obsessivo e beligerante na proporção em que vai criando raízes degeneradas e mentalidades recíprocas de absorções destrutivas.

Para mim, é mais fácil criar autômatos desde o nascimento que forçar uma educação malograda e subserviente. Tudo é ilógico. A vida não tem lógica sem a morte; a morte não tem lógica sem o nascimento, o nascimento não tem lógica sem a fecundação, a fecundação não tem lógica sem o amor, o amor não tem lógica sem a união das partes, e as partes não têm lógicas sem o conteúdo do TODO, único, exclusivo, obsessivo, recessivo, prolativo e fixativo. Não basta saber das necessidades das partes, se não houver carências de conteúdo pragmático em sua índole coercitiva.

E o remorso não é um sentimento vingativo. É volátil em sua maneira de absorver as reações momentâneas... e intuitivas dentro de um padrão mais profundo. As lembranças são partes de um passado cheio de remorsos e pesadelos. E os pesadelos se afiguram em primeiro plano do sentimento, pois as noites mal dormidas relembram romances não conquistados, aventuras perdidas, beijos negaceados, brigas inúteis, carinhos, carícias abortadas com toques de mãos, sonhos e quimeras esvanecidos pelo silêncio e pelo medo.

E o remorso marca profundamente o ser humano. Toda a sua vida sempre foi prenúncio de passado. O presente só se faz presente no exato momento em que se pensa, em que se faz, em que se age, em que se beija, em que se planeja o futuro, em que se devota a vida a alguma coisa; depois é passado novamente. E o remorso torna-se presença consciente a toda hora, pois representa o passado. Não que o passado seja um constante remorso, mas as memórias de um tempo passado sempre deixam transparecer algo que não foi feito ou aproveitado como deveria ser, ou as reações não seriam mais as mesmas, ou não se procurariam ocultar tanto ossentimentosassim, a cada momento da vida.

Com o tempo, a gente vai ficando desconfiado de que à medida em que o tempo flui, os sentimentos vão se tornando mais amenos, e com isso, tudo o que ocorre ao nosso redor é cotidiano... e o cotidiano não é mais do que uma forma de se abafar o remorso.

Mas existe uma proximidade coloquial entre o passado e o remorso. Há uma proximidade coloquial em tudo o que é vivo ou inanimado. Para se ter uma idéia, qualquer coisa tem a sua cara metade, ou aqui ou em qualquer parte do Universo. Qualquer coisa tem o seu suposto antagônico, qualquer coisa tem o seu avesso, qualquer coisa tem o seu oposto, qualquer coisa tem o seu reverso do contrário, e tudo facilitado para que o que é supostamente difícil e sacrificante, se torne fácil e edificante. A lua possui o seu aspecto coloquial com o sol, a noite com o dia, o bem com o mal, o macho com a fêmea, mas, o mais interessante é que nunca há uma unidade única, não há uma conformação só, não há uma união, uma unificação de encontros, pois como tudo o que existe neste mundo, dois opostos se modificam no ápice o encontro, e os desencontros se tornam perenes. E não há causas perdidas, apenas teorias arquivadas para sempre, mas com remotas ou grandes possibilidades de serem úteis algum dia. Quem sabe?

A proximidade coloquial sugere uma concussão celestial do Senhor, na sua infinita bondade, e os anjos, arcanjos e serafins. Como os anjos estão mais próximos das divisas terrenas, como são maleáveis e solícitos, como são benevolentes e caritativos, como são previdentes e super-protetores, dão-nos a entender que um passo para se chegar ao Criador é através deles. Como Ele é a nossa alma gêmea, nossa cara metade, nada como solicitar um confronto, um diálogo franco e aberto para se aparar certas arestas, digo, questionar tendências divinas, digo, acertar os ponteiros, digo, pôr o pingo nos is, digo, solucionar certas questões pendentes desde o princípio do nada... Esclarecer o porquê do triúnviro patriarcal: Pai, Filho e Espírito Santo, e na ordem mais baixa, anjos, querubins e serafins, e na ordem especial os santos,

orixás e feiticeiros?

Supondo-se que podemos acreditar que os anjos não possuam sexo, e que o sexo é apenas uma definição anacrônica de um estado físico aparente, devemos, então, entender que tudo não passa de um mal entendido divino (?). Quando ouvimos dizer que somos feitos à imagem e semelhança do Criador, supomos que a nossa classificação biológica é uma degeneração da espécie astral. Não que o nosso Criador, cuja imagem conhecida seja um esmêro de perfeição (?), mas que não é o nosso Criador, e sim o nosso irmão mais velho, queira que voltemos à estaca zero. Teorias, dúvidas, teses e tudo não nos levam a caminho nenhum. Assim como todos os caminhos são estranhos às nossas necessidades imediatas, nós perdemos a noção do ser quando especulamos sobre as nossas origens. Quando indagamos porque somos assim, biologicamente, fisicamente e cerebralmente, questionamos verdadeiramente até que ponto vai a nossa semelhança com o Criador. Já que na questão da sexualidade, os anjos, os arcanjos, os querubins e serafins não possuem sexo, e como nós também temos origens próximas ao Criador, mas, dada a nossa condição física, nos fragmentamos sexualmente em macho e fêmeas, ainda dá o que pensar a respeito. Se somos, a sua imagem e semelhança, há um ato falho em algum lugar. Há incompreensão em alguma linha do segmento. Se o Senhor, na sua infinita bondade, for assexuado, como os anjos, em sua linhagem mais próxima, então, nós somos uma constante mutação, uma eterna desventura, de viver buscando moldes de um Criador amorfo, somos uma pilhéria!

Mas se, por outro lado, **ELE** não for assexuado e apenas direcionar as espécies para este ou aquele sexo, tem que haver um conhecimento de causa. Se tudo se origina **DELE**, se tudo se cria **NELE**, se tudo se projeta através **DELE**; o principio da matéria é **ELE**, a forma, a essência é somente **ELE**, então o nosso Criador é consequentemente uma anomalia! É hermafrodita!

É compreensível. É alentador.

Por isso que tudo na vida tem seus contrários opostos e a proximidade coloquialnada mais é do que uma adequação tardia dos sentimentos, da razão, do olhar.

Mas ainda nos resta um consolo. Ao morrermos, poderemos tirar essas dúvidas. Não me apetece nem um pouco morrer para ficar sabendo. A eternidade é mais extasiante! E as benesses da vida são mais gratificantes. Se bem que, às vezes, a morte não se coadune com esse pensamento...

ERHU-DHYN, Senhor Deus em sua santa sabedoria perdoaria esse infiel?! Afinal, se existiam dúvidas naquele Ser quanto ao seu Deus, nele não haviam nenhuma... Como duvidar de uma divindade? Como questionar sobre as obras de um Deus? Como desacreditar do poder de ERHU-DHYN, Deus, Todo Poderoso? E como era o nome daquele deus que o alienígena replicava? Apenas Deus! Um Ente divino inominável! Ele falava da proximidade coloquial entre o Deus e a criatura, mas ao mesmo tempo, cogitava sobre a distancia para atingi-lo, através de entidades menores... Mas por outro lado, se conectava com o seu Deus, com tanta intimidade, que chegava a devassar a sua descendência divina!!!

Seu Deus tinha nome: ERHU-DHYN! Senhor de todo o Universo e criador de todas as coisas viventes! Soberano absoluto dos Cosmos. Bondoso, mas também muito cruel e impiedoso.

CAPITULO DEZ

Desde o principio dos tempos que o homem tem verdadeira adoração por alguma coisa. Quando não é por ele mesmo num frenesi narcisístico, é conseqüentemente, por objetos ou transforma sua idolatria por alguma parte do corpo humano, ou quando não o é por ele todo. Simbolismos à parte, chega quase a ser umapsicose que o leva às raias da insandice. E gostar muito é uma efemeridade, que se desgosta logo após passar a vontade. Querer, já não é tão importante quando a voracidade dos desejos sucumbiram na desinência do tempo. Os atrativos são pertinentes ao subconsciente, que sufocados por interesses repentinos, vão sendo isolados todo o dia. E a verdadeira paixão é mais acintosa na medida em que as fantasias criam ambientes propícios às aventuras, e depois, é só apascentar o corpo numa cama bem macia, se enrolar em lençóis de cetim e sonhar... deixando a imaginação livre, leve e solta. Mas o motivo disso tudo, é que sensivelmente, todos nós temos nossos desejos, nossas vontades, nossas adorações, nossas fixações, nossas psicoses, nossas paixões reprimidas, nossos momentos de desvairados, insanos, e loucos arroubos de satisfazer nossos mais íntimos e prementes anseios, saciando assim por completo a nossa sede. E juntando tudo isso, sempre nos resta a esperança das realizações. E os gostos são os mais estranhos possíveis, as vontades são mais esdrúxulas possíveis, e quando se fixa o desejo na nossa memória, já não nos restam mais esperanças. E quando chega a paixão, as flores do imenso jardim estão mais floridas e cheirosas, e a sensibilidade aflora por todo o corpo. E as paixões são mais importantes quando se afinam com a música que embala os sonhos, com os anseios que reconfortam no silêncio e libertam nossa alma de poeta. E há quem diga que não tem paixões, não tem desejos, não sente atração, não tem adoração, não tem fixação, não tem vontades, não tem psicose, não tem nada! E a esses vazios ambulantes, a esses sacos de pusilanimidade, a esses vácuos excretoriais, a esses parasitas, só restam um consolo... Meus pêsames. Chafurdem suas reticências nas fossas da vida, se percam em confabulações neuróticas. (...)

E quem não devota um pézinho perfumado? Quem não tem verdadeira paixão por um tornozelo bem torneado? Quem não abdica de tudo pornádegas bem fornidas? Quem não chega às raias do crime por um par de seios benevolentes ou pequenos e dóceis? Quem não vai à loucura por causa de um rosto suave e meigo? Todo mundo tem o seu período de ocaso. Todo mundo tem seu tempo de lassidão, todo mundo devora com os olhos tudo o que se lhe afronta, escolhendo assim, as suas premissas básicas.

E como não poderia deixar de ser, sou um ser humano, também tenho a minha paixão: umbigos! Céus, como sou! Existem uma infinidade de umbigos que me deixam fascinados. Se Deus, na sua infinita bondade, fez a mulher com todo o capricho que lhe é peculiar, foi no umbigo que Ele demonstrou toda a sua sensibilidade. A Quinta essência de toda uma transformação do belo. Cada umbigo é um sonho, é magia decantada em poesia e pureza cósmica!

Umbigos coevos. Embigos mudos. Imbigos rotundos!

Umbigos que gritam. Embigos que sussurram. Imbigos murmuram.

Em cada umbigo está contido toda a feminilidade da mulher. Não importa ser ela bonita ou feia, jovem ou velha, branca ou negra, morena ou amarela, verde ou roxa, ou seja lá que cor. O que importa são os contornos suaves do umbigo, que surgem como uma melodia imortal, como um canto harmonioso e profundo que penetrante vai até ao fundo da minha alma, arrancando gemidos pungentes de êxtase e letargia...

Sou um mísero mortal que descobriu um recanto, um pequeno buraco no corpo sedoso onde posso deleitar-me horas a fiosem contemplação das divinas formas. Quando penso naquela simples covinha no meio do corpo, meu ser devaneia perdido em sonhos umbilicais!

E o que me importa se o chamam de embigo, umbigo ou imbigo? O charme da mulher está no umbigo, a beleza da fêmea está no embigo, e a sensualidade mulher está no imbigo. Como se soubesse do segredo mágico, ela encobre-o, esconde-o a sete chaves ou deixa-o à mostra para que olhares esfomeados e devassos, cheios de pensamentos pecaminosos gozem suas fantasias. Eles não possuem o apuro nem a candura dos meus olhos. São brutais e indecentes! Pobres humanos... Sinto-me penalizado por tamanha falta de perceptibilidade. Como foi que até agora ninguém percebeu o quão majestoso é aquele pequeno orifício, do qual é a fonte primordial de nossa existência? Sim, pois o umbigo é apenas uma cicatriz do cordão umbilical, desmistificado. Sem ele não teríamos vida... quero dizer, não receberíamos as vitaminas e proteínas necessárias para a manutenção da nossa curta existência.

Porque as coisas mais belas do mundo sempre passam despercebidas? Porque ninguém nunca perdeu um pouco de tempo para mirar o seu umbigo? Mulheres! Não importa que sejam botões ou flores murchas, não importa que já amaram ou foram amadas, o que importa é o que representam. Um turbilhão de magia e mistérios indevassáveis, enclausurados no silencioso e ardente orifício encantado. A ti, mulher formosa, te dedico a minha insignificante sabedoria de mortal. A ti, regato de inconfundíveis segredos, te dedico toda a transformação magnânima e onipotente como o centro do universo...

...E os parvos e idiotas com sorrisos de gozações, elocubram suas paixões tardias e tropeçam em suas próprias boçalidades...

Vörtlan compreendia os mais íntimos desejos daquele ser mortal. Transparecia em cada palavra e pensamento, sem o menor pudor, toda as suas vontades, agora prisioneiras e revoltas.

CAPITULO ONZE

O silêncio e a solidão que percebo bem no fundo de seus olhos negros revelam que o fim, por que esteja distante, se aproxima vertiginosamente. E o momento é esse para as despedidas, para os beijos, para os abraços, para as confissões, para os desfechos estratégicos no escurinho do cinema. E nada de choro, nada de soluços recortados de lembranças tardias, nada de timidez, nada de saudades, nada de sorrisos trêmulos, nada de olhares encobertos de tristezas, nada de partidas bruscas para bem longe do mundo. Enfim... Nada que possa transparecer que um dia iria acontecer realmente uma ruptura infinita.

Mas seus olhos trágicos e profundos refletem em mim, como buracos negros de um revolver, pronto a destilar a luz fria e mortal contra a minha alma extasiada e prisioneira da essência.

Mas o sonho é uma partida sem fim. É um constante caminhar infundo. E a cada momento, as distâncias vão se tornando impossíveis de serem completadas; os trajetos vão se tornando mais íngremes e tortuosos, e o cansaço e a fadiga vão se tornando mais intensos, e as recordações vão se perdendo pelos caminhos desmemoriados da nossa existência, que faz o tempo se perder pelas curvas e encruzilhadas do cotidiano. Jamais, em tempo algum, em lugar nenhum as premissas temporais foram tão almejadas quanto agora. Sim, houve já um tempo, um lugar em que o fim era apenas uma necessidade de continuação. Um motivo aparente, mas primordial, que comparado às finalidades atuais, seria o mesmo que um regurgito. Os princípios básicos da lei da sobrevivência subjagam os valores morais e o conceito primitivo da civilidade. Matar ou morrer? Antes, era matar para sobreviver... Hoje, é morrer para a vida eterna (?). As necessidades básicas já não são tão importantes quando forças externas pressionam e impingem o homem a lutar apenas por valores mínimos, quando toda a sua vida é importante.

Mas o fim é uma proposta, ao passo que uma finalidade é apenas uma espécie de intermediação entre consequência e ato. E quanto o fim justifica os meios, é sinal de que alguma coisa não está bem. Alguém, em algum lugar, está perdendo. Num jogo ou aposta lúdica, ninguém faz um lance para perder. Ou quando perde, perde pelo simples fator de que já existe a intenção de ganhos fartos e compensadores mais além. Assim, desde o princípio é que nada se coaduna em perfeita harmonia.

O caos projetou-se de uma tal maneira que o fim já não representa nenhum conceito de salvação. As conjecturas para a solução do problema são tão estapafúrdias que a vergonha até embaça as lentes do meu óculos.

Acreditamos, geralmente, que o fim não é o final reticente de nossos atos. Contudo, nunca questionamos a finalidade dos princípios que habitualmente baseamos nossas razões para os problemas que se apresentam. Afrontamos sim, um questionamento mais analítico da eternidade e sentimos muito medo, entretanto, o medo nos dá força para as ambigüidades circunstanciais. Em si, o fim é quando acabou de vez, é quando terminou, é quando findou, é quando o eterno ser se enrascou numa cama de gato, e se estrepou estatelado, depois de um vôo rasante no chão cheio de cacos de vidros, e foi chorar seu pranto derradeiro debaixo da saia da mãe. E o que importo o fim, quando no início era a maior confusão? E quando o assunto em pauta, não está aberto a discussões, revertem-se às situações, e comenta-se entre uma bebida e outra, da baderna celestial ocorrida há algum tempo.

Mas o que importa realmente, é a importância importante e majestosa do fim. Às vezes, queremos dar um basta e pronto. Tudo acabou! Porém não é assim. Não basta terminar e dizer que acabou. O fim, para dizer a verdade, não termina logo depois da esquina, ou depois de um porre, ou depois de uma trombada, ou depois de uma briga de namorados, ou depois de um dia, ou depois de uma noite, ou depois de um romance. Agora, fim fim fim mesmo, é quando não resta mais nenhuma esperança; é quando a fita de cinema chegou ao final, é quando a sede foi saciada, é quando a música nunca mais tocou.

E a gota de orvalho na queda, rompe a barreira de sua integridade física, e se consome de ocasos metafísicos. E assim começa o dia. Uma realidade cheia de fantasias e muito louca, que principia no limiar indissoluto da mansidão impávida da claridade, que atormentada num tom lúdico, anseia já pelo entardecer. E o rastro ácido deixado como uma estrada infinda, termina num precipício brusco e indecente, que se perde nos sonhos da manhã. E assim é a vida, e assim é significativamente a morte. E assim como todo animal deixa uma trilha para capturar a sua presa, o homem também capitula diante o seu nefasto e inexorável fim. Sem apelo e sem lamúrias. Sem apelo seria um ato de bravura e sem lamúria seria um ato de heroísmo, e como o homem não é dado a muitas excentricidades imediatistas, se aproveita das situações momentâneas, escapulindo do crivo metafísico do fim. Mas nem por isso, se torna um super homem, ou um imortal por muito tempo. Nem por muito tempo ele é herói, nem por muito tempo ele é covarde, nem por muito tempo ele é subserviente, nem por muito tempo ele é servil, nem por muito tempo ele é um palhaço, nem por muito tempo ele é vivo, mas no fim, ele é por muito tempo morto. E passa ao esquecimento temporal, e passa para a vida eterna nas lembranças históricas dos que vivem através as gerações, os coetâneos. E as memórias estabelecem a conexão catalisadora de recordações dos passados equidistantes. E as memórias fazem a eterna necessidade de viver mais forte, mais voluntariosa e mais enérgica.

A existência jamais sucumbe às finalidades preconceituosas e anômalas, que divergem do sentido de viver. Em tudo, quando não existe uma ruptura, as prerrogativas são mais importantes, porque não pressionam a maneira de ser, e, a existência se torna pacífica e coesa dentro do Ser.

Tão logo o fim se aproxima, as idéias ficam mais claras, e o remorso emotivo aflora à pele, o sentido da vida se torna mais latente, a visão turva fica mais límpida, os olhos se perdem em vestígios e resquícios de lembranças tardias, os lábios esboçam sorrisos pesarosos e contristados, os dedos rebuscam suaves contornos em rostos vagos e lembranças, que reforçam as reminiscências de outrora, as lágrimas soçobram psicóticas e obsessivas por faces sedosas e serenas, por semblantes duros e magoados com a vida.

A insensibilidade goteja a mesmice verbal dos tempos finais, e na hora do acerto de contas, os arrependimentos retornam sorrateiros e maledicentes. E a consciência pródiga em ocultar segredos mais íntimos, em esconder os simulacros do mistério da verdadeira fé, em mascarar os preceitos e preconceitos, se revela de maneira vil, torpe e vulgar. E a situação momentânea fica tão confusa, tão caótica, que se tem que empurrar goela abaixo o cotidiano.

E quando se pensa que o sonho termina no abrir dos olhos, com o chegar do dia, com as realizações realizadas, com os desejos satisfeitos, ledo engano.

O sonho faz parte da nossa vida, faz parte da nossa mente, faz parte do nosso espírito, faz parte da nossa alma, faz parte do nosso sonho... Faz parte do nosso fim. E o sonho nunca é passageiro, os passos sim, se perdem na imensidão do infinito em largas passadas até o cansaço se fazer presente, então, volta-se a ser um astro-rebento (?).

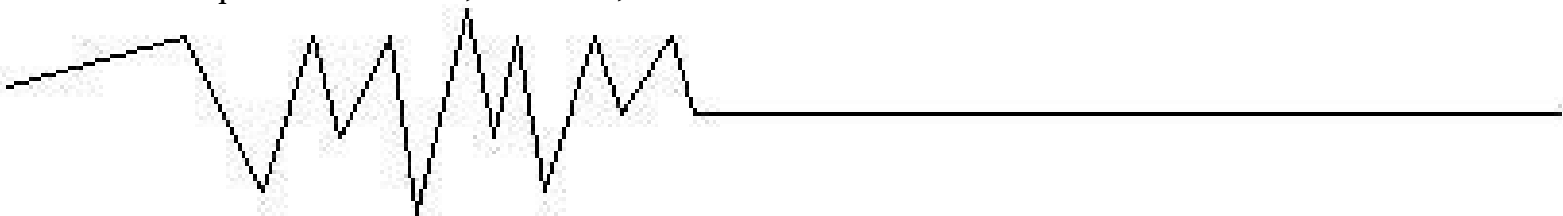
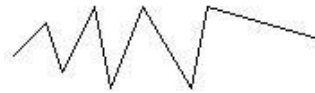
Em verdade eu vos digo, aquele que caminha a passos largos, nunca mata o tempo, apenas cumpre as necessidades inerentes ao seu espaço. E nunca saberão o que aconteceu com a sombra perdida na escuridão do inconsciente. E nunca poderão saciar a sede em fontes de águas cristalinas, pois a pressa mistura os sentimentos, e transforma a pureza em lodaçal. E nunca verão o nascimento do filho pródigo, pois o gozo mundano não tem destino. E nunca pressentirão ao menos o latejar vital das formas, pois o tempo será escasso para os carinhos e afagos. E nunca sentirão o sentimento das lágrimas, pois o ar ácido é gélido não permitirá tais sensações. E quando chegar o fim será apenas mais uma consequência do fastio inóspito e frugal do fim.

Em si mesmo, o fim é o eterno final. Não existe outro modo ou outra forma de finalizar sem ser o derradeiro término. Existe uma infinidade de extermínios, mas só um fim. Existe uma incomensurável vivacidade nos gestos de adeus, mas uma única finalidade. Existem infinitas maneiras de beijos, mas

somente um fim recíproco. O fim não justifica os meios, porem de foram inexorável, os meios justificam um único fim.

E um único fim, não é mais do que o começo de alguma coisa, não é mais do que o principio de uma nova realidade, não é mais do que uma reavaliação de todos os princípios morais, religiosos e universais.

Não é mais do que dizer acabou, terminou, finalizou



— HALCEN! HALCEN! HALCEN! – gritou Vortlan. E sua voz ecoou num imenso vazio, reverberando pelo infinito. Tinha a impressão que o corpo onde estava aprisionado, perdia as forças vitais, a energia estava sucumbindo... Ele começava a pressentir que estava ali sozinho.

CAPITULO DOZE

FINAL

Vortlan descobrira uma coisa depois dessas experiências, sentia-se como um inimigo dele mesmo: um verdadeiro maharnóide. O seu espírito de guerreiro envergonhado pelas atitudes tomadas, e por tudo o que acontecera, abaixava a cabeça, e retirava o seu óculos, desconectando o seu indutor cerebral, e sumindo para sempre, sozinho pelo universo, numa fuga cheia de humilhação e carregada do sentimento de desprêzo por si mesmo. Era muito triste ter de pensar; abandonar a luta, os princípios militares que foram a base da sua existência, por uma rixa inglória. Contudo, havia uma coisa bastante diferente que ainda não conseguira atinar. Não era como estava acostumado a ver. Os maharnóides iam muito além. Seus hábitos possuíam um padrão: principio, meio e fim. A sua visão era totalmente incompreensível... Eles levavam a lógica muito além do seu conhecimento. Como soldado, compreendia a tática inimiga, contudo, estava com os pensamentos voltados para as emoções, para um aspecto circunstancialmente psicológico, cheio de conceitos metafísicos. Sentia-se perdido. Concebia agora, que cada indivíduo ao morrer, carregava suas memórias, suas lembranças mais intimas.

Assim como absorvera a memória de Halcen, também possuía a sua, que estava em total conflito naquele momento. Uma situação que transcendia a compreensão espiritual, e por alguns instantes via-se num paradoxo filosófico constrangedor. Não tinha o direito de invadir a privacidade de ninguém! Mas por outro lado, brigava por valores morais inexistentes. Mas como ficaria tudo aquilo que acumulara dentro de si? Para onde iriam as lembranças de Halcen e as suas? Qual seria o fim de tudo aquilo? Como ficariam as experiências passadas, com relação às gerações futuras, para que não cometessem os mesmos erros? Uma incógnita pairava sobre a sua cabeça. Porque estaria se preocupando agora com as gerações futuras, se não sabia nem como se safar daquela situação presente, e na qual estava totalmente envolvido! Sentia as forças se esvaírem e suas energias sendo atraídas para fora daquele corpo. Era um grande alívio.

— A libertação, finalmente! Exclamou. O corpo de Halcen jazia na penumbra, em meio a luzes vermelhas e esverdeadas que piscavam alucinadamente. Independentemente, indiferente a toda aquela confusão, Halcen lhe confortara e ensinara muitas coisas. Prisioneiro daquele corpo era uma presa fácil para todos os tipos de invasores que se fizessem naquele planeta. As suas estruturas de carbono não protegiam nada! Serviam apenas para a locomoção. Em si, eram criaturas fragilizadas por sentimentos e emoções... Sem nenhum conteúdo mais forte que os protegessem de qualquer invasão; e tinha como sina: viver para morrer, sem nenhuma chance de uma existência maior. Morriam cedo, e mal começavam a viver – quando chegavam no momento em que deveriam ultrapassar os limites do corpo, – sucumbiam de modo dramático, morriam cedo feito os anjos; desconhecendo completamente pra onde iam, depois de passar toda uma vida tentando descobrir de onde vinham...

Seu corpo alçou altura, mas não chegou a ir tão longe. Viu-se cercado por uma legião de maharnóides. Escutou uma voz suave, que parecia ter mil tons diferentes, e em outros tantos idiomas... Mas compreendia perfeitamente aquela que preenchia a sua essência. Seu nome soava com muita candura... A voz o impressionava pela forma amigável que lhe chamava... Muito diferente.

“Vortlan... Vortlan... Vortlan... nós, os maharnóides, apenas preservamos as memórias e lembranças de cada povo... Não somos o pensamento carnívoro das raças, como vocês imaginam. Não consumimos... apenas guardamos para um objetivo muito maior. Cada ser que morre em todo o universo tem a sua mente preservada por nós. Qual a finalidade? Assim como existe a morte, há também cosmos, mundos, planetas,

galáxias inteiras em constante gênese, para serem habitados por criaturas das mais diversas ordens e formas de organismos, que são gerados por processos inconcebivelmente divinos... Mas nós, os maharnóides, fazemos parte desta inteligência cósmica que coordena o Universo... Somos portadores de todo o conhecimento, e levamos para cada criatura memórias e lembranças de outras civilizações, para que ao evoluírem, cresçam maduras e experientes, e não cometam os mesmos erros ao forjarem idéias semelhantes... Você sabe, bem no seu interior, o que habita no seu âmago são bilhões de células organizadas de outras raças, espécimes...”.

“Vortlan... Vortlan... nós, os maharnóides, somos apenas os lavradores do universo... apenas podamos para fortalecer as raízes das novas gerações... apenas cultivamos as raças do cosmo...”.

As milhares de vozes, às vezes se repetiam como num eco infinito, para depois retornarem no mesmo tom conhecido.

“Este ser lhe passou todas as suas experiências que vivenciou durante a sua vida. Tudo será absorvido junto com as suas memórias e preservado através de você. Mas em outro mundo, em outro tempo, em outro lugar, em outro universo, como parte do crescimento e evolução de outra raça. Por isso, quando a mente deste novo Ser vagar em sonhos e devaneios, ela terá a impressão de já ter conhecido outros povos, viajado por lugares exóticos e estranhos... E quando esse Ser morrer, suas lembranças, assim como suas experiências serão aglutinadas a outra... É desta maneira que milhares de civilizações, raças, povos deste universo infindo são constituídos. Tudo segue um ciclo vital e divino. Nada pode impedir esse processo. Nós somos apenas uma infinita parte de um Todo, que está dentro de cada ser possuidor desta inteligência cósmica, portanto, quando um dia orar para os céus, você não estará mais do que, numa súplica, querendo voltar às suas raízes e se tornar uno... Não fica se questionando, pois quando menos perceber, descobrirá tudo e desvendará todo o mistério...”.

E a voz em uníssono foi sumindo num eco, quase num sussurro. Os maharnóides não estavam a mais ali, ou melhor, suas luzes de rosa metálico, agora estavam brancas, intensas e irradiantes...

Até o último instante, antes de ser envolvido pela luz, pela forte energia que vinha dos maharnóides, seus pensamentos eram cortados por imagens de Altjyon e da Terra. Eram as últimas lembranças, resquícios de memórias, restos de visões do passado...

“Se um dia suas lembranças se voltarem para um lugar distante, seu peito se encher de solidão, seus olhos explodirem em lágrimas, e você chorar sem saber o porque, pode ter certeza de que é a saudade de voltar para o seu mundo, que este Ser enclausurado no seu corpo esta sentindo...”

Vortlan agora sabia; tinha a absoluta certeza de que tudo o que fizera desde o instante em que deixara o seu planeta, fora tudo planejado, organizado, feito de acordo com o que estava já estabelecido por um plano divino. Erhu-Dhyn era perfeito em sua sabedoria, e poderoso na sua criação. O seu corpo cósmico fundia-se ao daquele ser, para juntos se tornarem uno na concepção de outro ser em outra dimensão... Em algum lugar distante do espaço sideral.

Fim

Madrugada – Terça feira.
12/12/000 – 01:16h.

© 2001 John Dekowes
johndekowes@yahoo.com

eBooksBrasil.com e

livrosdoexilado.org

Janeiro 2001

Nota

[1] **Kylliux** - Seres vegetantes que nascem, crescem e morrem sem saírem do mesmo lugar. Vivem em imensas colônias que em determinado tempo, se entredevoram, num canibalismo insano, e do resto, renasce uma nova geração, que mais tarde, procederá da mesma maneira.